

VULGOS EMINENTES DE PINHAL

O COMENDADOR MONTENEGRO

UBIRAJARA ROCHA

• 1978

UBIRAJARA ROCHA

VULTOS EMINENTES DO PINHAL:

O COMENDADOR MONTENEGRO : O HOMEM

1978

Um homem notabilíssimo, o Comendador Montenegro. Mas a única coisa que ficou de tudo o que fez foi uma vila com o seu nome em Pinhal. A Vila Montenegro, mesmo sendo um mimo urbanístico, uma prenda, um primor de Vila, é muito pouco para honrar a memória de um civilizador de tamanha envergadura, de um colonizador de tanta importância e significação histórica.

O Comendador Montenegro apareceu, entre nós, como um mensageiro da paz e do progresso, como um arauto da ordem e do trabalho. E trouxe, com sua esclarecida atividade e auxílio, uma contribuição fundamental para o progresso e o desenvolvimento de nossa terra.

"O esquecimento do coração é remediável", porém não o da morte. O esquecimento da morte é cruel, irrevogável... Não consentamos que a sombra de Oblivion caia sobre o Comendador Montenegro.

O COMENDADOR MONTENEGRO possuía aptidão
acentuada para ser bem visto em toda a parte.
Elevou-se, sobremaneira, na sociedade. Dos ou-
tros tinha os louvores, os aplausos, as honras,
a estima... Seu nome passou à história. Passou
à posteridade.

I

TAREFA das mais amenas, das mais agradáveis é seguramente esta, de discorrer acerca da personalidade multifacetada, da personalidade impar e cativante do COMENDADOR MONTENEGRO, cujo nome, por extenso, é João Eelisiário de Carvalho Montenegro e que tanto contribuiu para o progresso e o desenvolvimento de nossa querida terra, o Espírito Santo do Pinhal.

O notável COMENDADOR MONTENEGRO, ao que se sabe, jamais foi varrido pelo vento da desgraça. Bem pelo contrario, foi, sempre, bafejado pela brisa da Fortuna, pelo sopro do favor público.

Em outras palavras: viveu sempre protegido pelas fadas benignas. Nunca soprou sobre ele o vento do infortúnio.

Foi um homem espontâneo e verdadeiro, um homem de honra e de caráter --- "un chevalier sans peur e sans rapproche". Sempre conservou o dominio de sua dignidade. E ao que parece, sempre apascentou sonhos de grandeza, desejos de glória, vontade férrea de vencer, de triunfar...

Homem de voz forte, de firme determinação, de grande força de vontade. Sua vida era uma eterna atividade, um agir xxx

contínuo. Trabalhava com determinação, com uma paixão obstinada pelo que no momento realizava. Homem de natureza indomável, de inquebrantável obstinação.

Foi colonizador, em seus melhores tempos, em seus tempos de glória. Tinha um rosto de muita autoridade, um rosto de autêntico governador das gentes. Muitos viam dentro dele uma luz que não tinham visto antes.

Pelo que se dizia, o COMENDADOR MONTENEGRO era duro na ação mas bom de coração.

Nossas honras e homenagens, por maiores que sejam, nunca farão inteira justiça às suas virtudes.

Para aqui não veio o grande benemérito em busca da felicidade, mas para saciar sua fome de realizações. Para o notável filantropo, a felicidade não ^{era} uma obrigação; obrigação era construir, era realizar, realizar sempre...

Via-se no COMENDADOR MONTENEGRO um cavalheiro senhorial, um cavalheiro venerado pelo povo, saudado por todos, adulado e honrado pelas mais altas autoridades. Seu prestígio e fama corria de boca em boca, e em sua casa muita vez eram discutidos os assuntos importantes da cidade e se decidia o destino do município.

Dotado de grande iniciativa social, MONTENEGRO era o homem mais ativo, mais empreendedor e limpo que se poderia ^{ver ou} ~~XXXXXXXXXX~~ encontrar no município e redondezas.

Persuasivo, influente, conquistava a simpatia de todos para as causas que denodadamente defendia, para as teses que esposava ou sustentava. Possuía, como acima dissemos, uma assombrosa força de vontade e um poder de convicção irresistível.

Não era um fraseólogo oco --- um homem de frases vazias, um intelectual de frases bem elaboradas. Não era um tagarela, um falador inconsequente: "nunca falava a não ser por motivos indiscutíveis".

O COMENDADOR, de que aqui estamos falando, jamais se curvou, jamais se dobrou ante qualquer exigência tirânica, ante qualquer manifestação de vontade despotica, de império atrabiliário, truculento... XXXX

Seu instinto de liberdade sempre prevaleceu contra tudo e contra todos.

Grande benfeitor das gentes, só podia ser o que realmente foi: um desprendido. Não era desses seres que só pensam em si mesmos, que vivem exclusivamente para si próprios. Digamos a verdade por inteiro e sem ambages: o nosso COMENDADOR não se preocupava com lucros, com vantagens, com proveitos e recompensas. Primacialmente, que era ele senão um filantropo, um benemérito?

MONTENEGRO era a retidão em pessoa, a integridade personificada. Era a imagem da justiça humana. Nada ~~que almejava que não~~ fosse honesto, nada aspirava que não fosse homologado pela razão. Homem de intenções retas, adversário das duplicidades ou ambiguidades de caráter. Moralmente falando, deveria detestar Janus, o deus romano de "duas caras", bi-frons, de dupla face.

O COMENDADOR MONTENEGRO nunca teve necessidade de que alguém avalizasse sua moralidade, garantisse sua integridade e honrabilidade.

Não vivia à fina moda dum aristocrata, flutuando num universo de indiferença refinada; não era, como hoje se diria, um "snob", um homem de costumes requintados, "pairando orgulhoso sobre a realidade da vida complicada e suja". Nem era um ente puro, delicado, de punhos de renda, ultra-sensível, "correndo o risco de cortar os punhos para não sujar as mãos" nas vilezas e vulgaridades do quotidiano.

Penetremos, agora, por ser momento oportuno, na rica e interessante seara histórica. Escrevemos, em nossa Pequena História da Civilização Pinhalense, ~~dada à~~ ^{dada à} ~~deixa~~ ^{deixa} estampa em 1964, pág. 38:

"A lei nº 3 de 24 de março de 1860, sancionada pelo Presidente da Província Dr. José Joaquim Fernandes Torres, criou a freguesia do Espírito Santo do Pinhal.

"Os anos fluíam, em seu rolar incessante. A extraordinária fertilidade das terras, que constituíam o distrito recém-criado, continuaram, como em tempos passados, a despertar a admiração e a atrair sem cessar elementos de todos os quadrantes da Província. A sedução mantida pelas glebas, ricamente irrigadas,

da magnífica região, continuou conquistando sem parar novos advenas, que as buscavam com impaciência, vindos de todas as partes do País. Entre esses novos e fecundos contribuidores do progresso pinhalense deve ser sempre salientado com reverência o nome do Comendador JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTENEGRO. Em linhas posteriores deste trabalho teremos oportunidade de falarmos mais detidamente a respeito desta ilustre figura de varão, varão que, à semelhança dos "homens bons", na frase das vetustas Ordenações do Reino, amava a terra com um afeto quase carnal e orgânico; ele como quê mantinha relações passionais com a terra, ele como quê desposava a terra fecunda e nutriz, ^{opulenta} ~~nutriza~~ e dadivosa."

Vivíamos ainda em pleno período monárquico, quando a Pinhal aportou o notabilíssimo COMENDADOR MONTENEGRO. A nossa cidade, como bem se sabe, foi fundada em 27 de dezembro de 1849. Tornou-se freguezia em 24 de março de 1860. Tornou-se vila em 9 de abril de 1877, somente sendo instalada em 20 de abril de 1879, isto é, dois anos após sua criação.

"A instalação da nova Vila demandou demorados preparativos, frutos mais das procrastinações burocráticas e oficiais do que da ausência de recursos locais. Assim, foi somente em 20 de abril de 1879, dois anos depois da sanção da Lei que criara a ~~Vila~~ Vila --- Lei nº 17 ---, e sob a presidência do Cap. José Ribeiro da Mota Pais, posteriormente Barão de Mota Pais, que se logrou instalar a Câmara Municipal da Vila do Espírito Santo do Pinhal. Foram os seguintes os vereadores então empossados: Manuel de ~~xxxxxx~~ Aranha Campos, Joaquim de Souza Moraes, Vicente Gonçalves da Silva, Antônio Barbosa de Barros, Honório de Ávila Soares e Lúcio Ribeiro da Mota. Em sessão realizada a 21 de abril do mesmo ano, a Câmara nomeou seus funcionários efetivos, que foram: José Policarpo de Almeida Queiroz, secretário; Teodoro Franco, procurador; Optuciano José Didnaid, fiscal; e Joaquim Germano Xavier, porteiro.

"A sessão de instalação dessa Câmara ou Edilidade foi efetuada em uma casa pertencente ao seu presidente, sita à rua 15 de Novembro, 13. O vereador Lúcio Ribeiro da Mota, não tendo ^{comparecer} ~~comparecer~~ no dia apazado para a solenidade de instalação ^{podido} ~~podido~~

da Câmara Municipal, tomou posse no dia seguinte, 21 de abril, data em que se realizou a primeira sessão ordinária da dita Câmara, ainda no mesmo prédio acima referido, dando-se início aos trabalhos às dez horas da manhã." (Ver minha "História da Civilização Pinhalense", cit., págs. 40-41).

"A queda da Monarquia e a consequente proclamação da República --- brusca embora não inesperada --- foi festivamente comemorada em Pinhal. Esse júbilo intenso e impetuoso, que se extravasava pelas ruas da cidade, não somente vibrava no seio das camadas populares, como igualmente partia dos poderes públicos do município, empolgando as autoridades constituídas.

"A primeira Câmara Municipal republicana de Pinhal foi nomeada por Floriano Peixoto, em 1891, e eleita para o período de 1892 a 1895, sendo composta dos seguintes cidadãos: Vicente Gonçalves, ~~Antônio~~ Dias Ferreira, Leocádio de Faria, Amando Vergueiro, Honório Soares, Francisco Rosas e Alberto Florence." (Cfr. Pequena História, pág. 57)

II

O COMENDADOR MONTENEGRO foi um administrador nato, um executivo de nascença; inteligente, simpático, prestativo e solícito, irrecusavelmente um homem de larga visão e de grande experiência do mundo. Este nosso magnífico Comendador assaz louvado foi pelos seus contemporâneos. O nosso povo admirava-o de verdade. Todos o olhavam com o coração, todos o fitavam com gratidão.

O COMENDADOR MONTENEGRO brilha intensamente no rol das figuras mais notáveis da história de nossa terra. Um personagem célebre, um homem realmente extraordinário, uma individualidade realmente singular no contexto da História do Pinhal. Nosso bom povo continua se lembrando dele. Seu nome, com efeito, não pode ser relegado ao vão da memória.

O Comendador, em realidade, foi homem de boa educação natural, homem prático --- um practical man, como mais tarde, diriam os iânquis ---, sendo difícil, quase impossível, "enredá-lo com facilidade em labirintos teóricos".

MONTENEGRO --- cujo nome por inteiro era João Elisiário de Carvalho Montenegro --- prendia e cativava as pessoas com as

suas habituais e refinadas gentilezas. Sua maturidade tocava a todos, bem como sua aura de domínio, o resplendor de autoridade que emanava de seu ser.

Cedo se fez homem.

Combatia a hipocrisia, ou as duplicidades de conduta, com todo o ânimo do seu coração. Profligava, sinceramente, qualquer espécie ou modalidade de fingimento. Infelizmente, como bem se sabe, viver é fingir e ver fingir. Mentir e ver mentir.

Ponderado, dado a prolongadas meditações, parece que nunca foi pilhado a proferir disparates, a dizer palavras irrefletidas. Não era homem de dislates, de chocantes dislogias nos julgamentos que fazia dos homens e das coisas.

Temperamento firme, a tudo enfrentando com a sua firmeza calma. Homem de raciocínio sereno e que não perdia o sentido da realidade.

O nosso inesquecível COMENDADOR MONTENEGRO era extraordinariamente animoso, tinha sangue heróico, possuía o que Plutarco tanto exaltava nos varões das "Vidas Paralelas", ou seja, grandeza.

Isto é um fato irrecusável: MONTENEGRO possuía grandeza. Era grande e possuía um poderoso instinto de colonizador. Homem de temperamento decidido; havia "nos seus lábios a linha reta da meditação solitária e da decisão implacável". Podemos dizer, sem receio de errar, que "jamais desbaratou este capital de ordem moral: o respeito à palavra empenhada."

Foi modelo e exemplo admirável sobretudo para a gente jovem da nossa cidade, que já carecia de formação política. Preocupava-se com o progresso de nossa terra e com o bem-estar do nosso povo mais do que com qualquer outra cousa.

A simpatia do autor destas linhas pelo COMENDADOR MONTENEGRO é indisfarçável. É uma simpatia definida, inequívoca, irrevogável.

A despeito de não poder revelar, franca e claramente, seus sentimentos políticos, tinha-se plena certeza que o ~~xxxxxxx~~

Comendador era visceralmente hostil e avesso ao governo despótico. Não podia aceitar a presença dos tiranos, que bradam, irracionalmente: "A única coisa eficaz é a violência."

Permita-se-nos repetir esta verdade de fácil verificação: MONTENEGRO não era nem nunca foi um temperamento solitário e evasivo; muito pelo contrário, participava, ativamente, do lento mas contínuo processo de transformação social. Jamais foi desacreditado como homem de ação; jamais foi tachado de um "sentimental sem futuro", de homem desfibrado, amorfo, omissor, invertebrado, "com um temperamento passivo e uma clara vocação solitária".

Palava com autoridade, e sua voz possuía uma repousada firmeza. A princípio, descarregava a sua energia febril nos trabalhos mais árduos. Todos admiravam a sua paciente tenacidade. Homem de apurado senso de responsabilidade, de equilíbrio natural, de calmo domínio ante qualquer circunstância, por mais crespas ou adversas que fosse.

Colonizador intrépido, valoroso, digno das ~~bravas~~ tradições da brava gente lusitana. Criatura esplêndida, de grande densidade humana; pessoa extremamente afetuosa e de índole cordial. Nunca perdeu a dignidade, a sua dignidade natural, e a todos impressionava pelo seu encanto pessoal, pelas suas boas maneiras. O próprio Imperador do Brasil, o boníssimo e magnânimo D. Pedro II, teceu-lhe de viva voz desvanecedores elogios.

Ninguém podia deixar de admirar um homem de tanta sabedoria prática, de tanto descortino, um homem, enfim, tão experiente das coisas da vida e do mundo.

O COMENDADOR MONTENEGRO preservou até o fim o seu bom senso, o seu atilado modo de ver as cousas, o seu discernimento, a sua grande e natural lucidez. Ao atingir a idade em que todos têm o direito a descansar, sua vida parece que se tornou mais ativa, mais dinâmica. Ocupava-se, então, com suas prósperas empresas, sobretudo agrícolas; isto para não dizer que sempre ocupou um importante lugar no mundo.

Passemos agora, com a devida permissão do leitor, à menção de alguns fatos históricos, referentes ou alusivos à benemérita atuação do nosso inclito COMENDADOR MONTENEGRO. À página 66

da nossa Pequena História da Civilização Pinhalense, editada pela Tipografia Santa Luzia, Pinhal, 1964, escrevemos:

"Em Pinhal, a campanha pela emancipação da raça infeliz encontrou os mais vivos ecos; o martírio da raça negra, que o sofrimento quase idiotizava, deparava com a mais vigorosa repulsa; ninguém se agastava com as aparentes e ilusórias contradições que a libertação dos escravos parecia encerrar. Tanto esta asseveração não dissimula nenhuma inverdade que, meses antes da memorável assinatura da Lei Áurea, isto é, em janeiro de 1888, foi ali tomada e cumprida a leal resolução de manumitir todos os escravos existentes no município. Além de um valoroso pugilo de fazendeiros abastados, tais como o Barão de Mota Pais, o Cél. José Joaquim de Almeida Vergueiro e o Cél. Vicentinho Ramos --- homens que possuíam mais do que os talentos e virtudes ordinárias --- o bravo pioneiro, o supermo inspirador dessa louvável cogitação pinhalense de alforriar integralmente o homem negro servilizado, foi o eminente COMENDADOR MONTENEGRO, que já a havia posto em prática, desde longa data, em a sua fazenda Nova Louzã.

"Vemos, destarte, que a ^{substituição} ~~instituição~~ do braço escravo pelo braço livre e remunerado foi aventada e encetada, em Pinhal, ~~alguns~~ ^{alguns} ~~muitos~~ anos antes de ser realidade nacional essa avançada e palpitante providência governamental, recomendada, aliás, por todos os teóricos do liberalismo político e econômico. O ilustre COMENDADOR MONTENEGRO, em soberba antecipação histórica, como que compreendiera perfeitamente, adiantando-se de muito o lúcido historiógrafo pátrio Pandiá Calogeras, quando assegura que --- "o trabalho servil nem era produtivo, nem barato."

"Antecipando, dessa forma notável e meritória, o advento da grande era imigrantista brasileira, o insigne COMENDADOR MONTENEGRO pode ser emparelhado ao Senador Nicolau Vergueiro, ou ao Conde de Parnaíba, figuras excelsas e ingratamente esquecidas pelos homens, não obstante terem ousado botar em prática os mais admiráveis ensaios de trabalho livre no País. Assim é que a parceria, ou "sistema Vergueiro", foi tentada e experimentada no mesmo ano da maioridade de D. Pedro II, ou seja, em 1840.

"Por outro lado, não se olvide que, desde 1872, Tavares

Bastos --- que foi um dos "homens que compreenderam o Brasil e o sentido do seu destino", no conceito de Gilberto Amado --- vinha preconizando a colonização racional do país, propondo, eo ipso, a abolição da escravatura."

Como não ignoram os sabedores da História de Pinhal, em nossa terra os escravos foram libertados antes da promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. "A libertação antecipada da misera mercadoria negra, processada em Pinhal em 16 de abril de 1888, faz com que esse fato seja merecedor das mesmas honras e homenagens que são tributadas às províncias, cidades e municípios nacionais que, em 1884, alforriaram, espontaneamente, os seus contingentes de escravos. Assim sendo, Pinhal incorpora-se aos feitos da numerosa Família Prado, de São Paulo, à Província do Ceará (então sob a presidência de Sátiro Dias), à Província do Amazonas (sob a presidência de Teodureto Souto) e à Província do Rio Grande do Sul, destacando-se lá a cidade de Pelotas." (cfr. nossa Pequena História, págs. 66-67).

"Grandes festejos e aleluias populares celebraram a importante data histórica, na qual, segundo referem documentos oficiais, foi abolida a escravidão de 1.035 escravos em Pinhal." (op. e loc. cit.)

Antes de dar por findo este brevíssimo, e referindo-nos, expressamente, ao vulto eminente e exemplar do COMENDADOR MONTENEGRO, acenruaremos que ele, mais do que nenhum outro em Pinhal, foi digno de funerais magníficos. Seus despojos teriam de ser enterrados com honras reservadas ao maior benfeitor da cidade. Seu sepultamento ou enterro deveria ser o mais concorrido que se veria no município.

MONTENEGRO morreu sem se transformar numa ruína viva, ou seja, num homem decrépito, caquético, de voz oscilante, incerta, um velho com "as mãos parecendo duvidar da existência das coisas", quase surdo e enxergando mal...

O nome de Comendador ele o carregou com dignidade até a morte. Nunca perdeu a sua franqueza natural, a sua admirável espontaneidade. Muitos choraram-lhe a morte como a de um pai.

Jamais deveremos permitir que seu ilustre nome venha a se afundar sem remédio no atoleiro do esquecimento.

III

O COMENDADOR MONTENEGRO, que tanto contribuiu para o engrandecimento de nossa mui leal e formosa terra, jamais poderá ser olvidado pelo nosso bem e generoso povo. Nossa cidade, que o recebeu de portas abertas, quando ele aqui chegou, sempre o estimou, sempre o cercou de veneração e respeito.

Na manumissão ou alforria integral dos escravos existentes no nosso município --- procedida antes da abolição da escravatura no País --- o nosso bravo e destemeroso COMENDADOR MONTENEGRO teve uma atuação histórica. Sua conduta, por essa época, foi real e verdadeiramente memorável; ele contribuiu, enormemente, para a eclosão dos acontecimentos do famoso 16 de abril de 1888, data da libertação de toda a escravaria existente entre nós. Nosso município --- lembremo-nos, de passagem --- compõe-se ou é constituído de 450 quilómetros quadrados.

MONTENEGRO era homem de espirito capazmente elevado e realizador; era, mesmo, um modelo ou exemplo de mentalidade positiva e empreendedora. Preconizava para o nosso povo um estado de ordem e trabalho, um clima de concórdia e realizações. Não ~~podea~~

passava um só dia sem trabalhar... Tinha tanto o que fazer que o tempo mal chegava. Sempre tinha o que fazer, embora trabalhasse tanto.

Homem afortunado, o nosso Comendador nunca teve de ~~se lamentar~~ lamentar da má sorte. Antes assim...

Tinha uma distinção natural, um jeito nobre e peculiar de existir; tinha uma altivez interior, talvez herdada de algum ayoengo ilustre, de algum antepassado de prol no reino...

Era um verdadeiro fidalgo. Sua casa, hospitaleira e fresca, sempre estava de portas abertas para receber amigos e os que a ela batiam com amizade e lealdade.

O nosso extraordinário COMENDADOR MONTENEGRO era viril e independente --- um padrão de virilidade e independência. Sempre respirou o oxigênio puro da independência pessoal.

Dava, mesmo, a impressão que não trocaria a sua independência nem por todo o ouro do mundo. Nem por todo o ouro do Peru, nem pelos tesouros de Golconda...

MONTENEGRO era estimado em toda a nossa cidade e redondezas, devido ao preciosismo de sua pessoa e de sua benéfica atuação social. A sua consagração ao trabalho e o bom senso com que administrava os seus interesses apenas suscitavam geral admiração; despertavam, mesmo, o vivo empenho em imitá-lo, o ardente desejo de convertê-lo em paradigma de conduta.

Natureza franca e leal, homem absolutamente liberal, julgava que "ninguém desfrutasse de privilégios que não possuíssem todos." Defendia um igualitarismo comovente, diante da rigidez dos conservadores.

Adquiriu tanta autoridade entre os habitantes da cidade que, por fim, não se tomavam resoluções importantes sem primeiro consultá-lo, e se estabeleceu que seria ele sempre ouvido em questões que pudessem decidir do destino do município.

Não desnaturou-se, isto é, jamais deixou de ser ~~o homem~~ singularmente ativo e empreendedor dos primeiros tempos. Homem de

natureza social, não ansiava por solidão nem nunca pareceu "pica-do por um virulento rancor contra o mundo." Em outros termos, era de seu natural ser jovial e comunicativo, não hermético e hostil.

A impressão que dava, logo ao primeiro relance, era a de que bem cedo aprendera a viver, a ser homem. Homem de misteriosa intuição, e que, amiúde, experimentava fulgores de clari-vidência.

Seja-nos permitido repetir esta verdade facilmente verificável: o COMENDADOR MONTENEGRO era um trabalhador infatigável. Quer dizer, tinha só corpo e alma para o trabalho. Trabalhava tanto, que parecia não ter um ^{minuto} ~~momento~~ de descanso, um momento de ócio ou lazer. Trabalhava mesmo quando descansava...

Afiavam alguns que o nosso precioso Comendador exercia atividade tão produtiva "que em poucos anos juntou fortuna", ou, pelo menos, que formou considerável patrimônio. Tudo indicava que um dos seus objetivos, ou, melhor dizendo, que um dos seus mais altos propósitos era o de transformar, mediante o trabalho e a ordem, a freqüezia e depois Vila do Espírito Santo do Pinhal, num dos melhores e mais afamados distritos da Província de São Paulo.

Pinhal fascinava-o; ele queria realizar a todo o custo o progresso do lugar, o desenvolvimento da cidade que ele desde logo aprendera a amar com todas as veras do seu coração. Ele trouxe, com sua esclarecida atividade e auxílio, uma contribuição fundamental para o progresso e o adiantamento de nossa terra.

Sempre que viveu o fez sinceramente convencido desta verdade: "o tempo põe as coisas no lugar." Mas é também o tempo que tudo destrói, tudo engole ou devora. O tempo traz a ruína e o triste envelhecimento das seres e das coisas.

Não ^{operou-se nele} ~~envelheceu-se nele~~ ou seja, em nosso preclaro Comendador, um processo de envelhecimento rápido e critico, desses que empergaminham a pele e arruinam todos os órgãos do corpo. MONTE-NEGRO "não foi tomado como um desses bisavôs inúteis que perambulam como sombras pelos quartos, arrastando os pés, recordando melhores tempos em voz alta, e de quem ninguém se ocupa nem se

lembra na verdade, até o dia em que amanhecem mortos na cama."
(Gabriel Garcia Márquez, Cem Anos de Solidão).

Tracemos, agora, uma nótula histórica significativa, acerca da personalidade atraente do nosso COMENDADOR MONTENEGRO. Permita-se-nos transcrever o que escrevemos à páginas 69-70 de nossa Pequena História da Civilização Pinhalense:

"Ressaltámos, em linhas precedentes, a figura singular do COMENDADOR MONTENEGRO, exaltando-lhe a personalidade invulgar. Não podemos, agora, deixar escapar a sedutora oportunidade que se nos enseja para falar mais extensamente sobre esse excelso benemérito de Pinhal. Achando-se ele estreitamente vinculado à história do abolicionismo pinhalense, não constitui sobejidão alguma tecer-lhe mais alguns comentários, no corpo deste capítulo de nosso livro.

"Sabe-se que, no Brasil, a entrada de imigrantes começou poucos anos após a Independência. Esses imigrantes, esses homens d'além-mar vinham, a principio, em pequena escala, formando por aqui pequenos núcleos coloniais. Ora bem: o COMENDADOR MONTENEGRO não pode ser incluído nesta classificação ou nesta categoria de imigrantes. O Comendador João Elisiário de Carvalho Montenegro não era um imigrante comum: era um português de velha cepa, herdeiro e propagador das genuínas tónicas ou tradicionais constantes do rijo e audaz carácter lusitano, e que aportara ao Pinhal em 6 de fevereiro de 1867. Viera atraído naturalmente pelo renome excepcional que a uberdade do solo pinhalense havia grangeado lá fora, uberdade que merecia os louvores de uma eloquência simples e que decerto teria emocionado a alma de um Vergílio para decantá-la. Chegara juntamente com um grupo de vinte e nove compatriotas seus, todos procedentes da vila portuguesa de Louzã, situada em terras de Coimbra. Como tivera vindo animado com a firme e inabalável intenção de comprar terras nesta ubertosa e salutar região, as houvera adquirido, por escritura lavrada em 25 de janeiro de 1867, ao Cap. Joaquim José de Campos Silva. Ulteriormente, comprara novas glebas, ainda na mesma e fértil região, fundando a admirável colônia de Nova Louzã, que, indubitavelmente, se constituíra num dos primeiros núcleos de trabalhadores livres estabelecidos ou radicados em terras do Brasil.

"Não nos enganamos nisto: através de seus ser-
viços e benefícios imorredouros o COMENDADOR MON-
TENEGRO soldou para sempre o seu nome ao nome de
Pinhal!..."

IV

"UM HOMEM" --- eis, numa palavra, o que foi o nosso admirável e extraordinário COMENDADOR MONTENEGRO, que na pia baptismal recebera o nome de João Elisiário, passando a chamar-se, por extenso, João Elisiário de Carvalho Montenegro.

Já vimos, em relato anterior, que MONTENEGRO era um rijo e audaz colonizador ultramarino, pois é certo que para aqui viera procedente de Louzã, uma simpática vila existente nas cercanias ou imediações de Coimbra, a florescente cidade dos académicos de Portugal, centro da cultura universitária portuguesa. O projeto que aqui logo concebeu, da fundação de "Nova Louzã", um retrato da distante vila portuguesa de Louzã, foi a realização de um sonho objetivo, prático, concreto. Foi, também, uma grande e ^{legítima} ~~legítima~~ vitória da força de vontade. Enfim, uma esplêndida iniciativa, visto ter trazido um sopro de renovação aos métodos tradicionais brasileiros de trabalho agrícola. Como frisámos anteriormente, a colônia de Nova Louzã se constituiu num dos primeiros núcleos de trabalhadores livres e assalariados estabelecidos em terras do Brasil; na época de sua fundação ---

--- 1867 --- a agricultura nacional era dominada pelo desumano e improdutivo regime servil ou da escravidão.

Este notável condutor de homens, este admirável catalizador de energias humanas, que foi o COMENDADOR MONTENEGRO, acreditava na força do trabalho e no poder da ordem; ele cria na evolução e no progresso, "como se fossem determinações da fatalidade". Varão íntegro, virtuoso, dinâmico, batia-lhe no peito um coração portuguesmente terno e generoso, aliado a uma magnífica vocação para a colonização, traço histórico e característico, aliás, de sua heróica e impávida raça.

Por fim, o Comendador deixou de residir em Nova Louzã, fixando residência, definitivamente, entre nós. Ao vir morar aqui tratou de fundar, desde logo, ^{num} ~~o~~ trecho da cidade, a chamada "Vila Montenegro", tornando-se, desde então, um dos homens mais respeitados de Pinhal.

MONTENEGRO --- será preciso dizê-lo? --- foi homem de sucesso, homem de boa estrela. Protegido pelas fadas benígnas; coisas boas constantemente lhe aconteciam na vida. Tinha gosto pela vida e irradiava uma simpatia irresistível. Dotado de indomável energia, estava sempre preparado para resistir às circunstâncias mais árduas.

Administrador de mentalidade lúcida, enérgica, positiva, construtiva. Mau grado apreciasse o isolamento, o ameno retiro, não era um ser taciturno, ensimesmado, solitário. Era assaz comunicativo, gostando da companhia de bons amigos e companheiros. Construiu aqui em Pinhal, para morar, talvez a melhor casa da cidade; sua moradia sempre esteve inteiramente aberta à visitaçãõ de amigos e admiradores sinceros. Casa de janelas abertas para a luz e de grande porta de entrada, franqueada ou que se abria de par em par para ^{acolher} ~~reunir~~ os amigos e os bem intencionados.

MONTENEGRO alcançou os encantos pacíficos da velhice. Tornou-se, aos poucos, no homem mais leal e laborioso que se havia visto em nossa terra. Viveu em nossa cidade os seus melhores anos --- anos de tranquilidade, paz e segurança. Porque, realmente, sua vida não havia sido até então um sendal de rosas, um campo de flores; muita vez encontrou com a hora difícil...

Homem desataviado, sem complicações --- assim
foi o nosso inesquecível COMENDADOR MONTENEGRO,
Gozou, sempre, os privilégios da simplicidade.

Conservaram-se muitas marcas da sua passagem pelo mundo. No final ou remate de sua vida, tão preciosa quão fecunda, "uma aura de lenda dourava a sua presença". Isto, contudo, não o convertia num estranho, num ser irreal. A aura mitica não havia interposto entre ele e o resto da humanidade uma distância difícil de se vencer ou transpor. É que jamais deixou se ser o que era e o que sempre fora, a saber: um ser generoso e bom, liberal e cordato.

Permita-se-nos repisar estas verdades, de tão fácil constatação: MONTENEGRO foi homem de luta, de perseverança, de lealdade. Manteve sempre vivo no peito o fogo de sua devoção ao trabalho. Sempre fiel ao espirito de organização; nunca negou o espirito de ordem e de trabalho que galvaniza a sua raça.

A colonização --- eis uma atividade real, dele e de sua raça. Colonizar era a paixão irresistível de seu ser. Com esse ardente e ostensivo fito, partiu de sua formosa vila natal, juntamente com um punhado de compatriotas seus, num total de 29 homens, que energica e serenamente comandava ^{e guiava.} ~~su~~ ~~dirigiu~~.

Pelo trabalho e pela Ordem o COMENDADOR MONTE-
NEGRO sentia um entusiasmo apaixonado; pela organi-
zação e pelo método, pela eficiência, em suma, expe-
riimentava um fervor quase fanático.

Pelo progresso das gentes, pela evolução das coletividades lutava com convicção, com lealdade e denodo.

Nenhum de seus nobres e ^{humanos} ~~simpatias~~ afetos apodreceu jamais em seu coração. Tais afetos prevaleceram contra o tempo, que, como bem se sabe, tudo desbota, tudo apaga ou destrói. A verdade é que, com a inexerável passagem do tempo, os ^{pontos} ~~traços~~ e traços característicos dos mortos se diluem ou se tornam vada vez mais remotos e incertos; vão, paulatinamente, perdendo todo o sentido, toda a realidade. Os votos que fazemos é para que a sua imagem

não se apague, não desapareça, alfim, num universo de irrerealidade. Que o culto de sua memória não venha, afinla, a se transformar num culto de mera formalidade, como o que se consagra aos mortos em geral.

Sim! Pinhal e seu operoso povo não pode esquecer, jamais, esta impressionante figura de colonizador, que foi o COMENDADOR MONTENEGRO. Varão que, dissemos, salientou-se por suas invulgarres qualidades, homem sobretudo de visão larga, de seguro descortino, muito ativo, enérgico e realizador em alto grau.

MONTENEGRO, embora fazendeiro e dono de imensas glebas de terras, jamais foi escravocrata --- jamais possuiu um só escravo! Nunca exerceu essa abominável forma de exploração do homem pelo homem. A ele, por conseguinte, é incabível a frase de Monteiro Lobato, dita em referência ao duro e desalmado proprietário de escravos: "O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague."

Jamais o nosso Comendador perdeu a sua reputação benemérita, redentora. Todos o conheciam e apontavam nas ruas como um homem de valor e de ação, um homem ativo, empreendedor e detentor de sabedoria prática --- dessa sabedoria prática tão apreciada no mundo.

O admirável COMENDADOR MONTENEGRO realizou feitos extraordinários, cometimentos singulares e para os quais a admiração da Estética nunca será excessiva.

MONTENEGRO --- vá lá um grão ou uma pitada de filosofia na aridez deste escrito --- MONTENEGRO representava a primazia do instintivo sobre o racional. Simbolizava a supremacia do poético, do lírico, sobre o lógico. A marca, par excellence, de sua individualidade era a instintividade, bem como a espontaneidade, o lindo e doce lirismo lusitano.

Era, em realidade, um instintivo. Vivia com ânsia, entusiasmo; amava a ação, o movimento, a vida. Vivia tensamente --- vivia sob o signo da Ação, da trepidação. Construir, construir, construir... Foi absolutamente fiel ao seu instinto, ou, melhor dizendo, ao seu instintivismo radical. Ninguém mais do que ele confiava no instinto, na segurança do instinto.

Personalidade extraordinária, admirável sobre todos os pontos de vista, dele todos se acercavam com respeito e admiração. Era por todos conhecido devido ao seu compassivo e terno coração. Somente as feras da ignorância poderiam atacar um homem tão bom. Podemos, mesmo, ombreá-lo com o Cardeal D. Sebastião Leme, que todos reconhecem como sendo o maior dos filhos de Pinhal.

Natureza bastante forte e sã, nele pulsavam o sangue e a raça dos heróis. Foi, realmente, um contemporâneo do futuro, por isso que nunca viveu unicamente preso ao seu (estreito?) presente.

Se me fosse permitido exprimir aqui um desejo, gostaria que nenhum leitor perguntasse: e se o COMENDADOR MONTENEGRO não tivesse existido? A resposta a tal pergunta ou indagação não poderia ser outra senão esta: se o COMENDADOR MONTENEGRO não tivera vindo ao mundo a História do Pinhal teria tido um curso menos belo, menos digno, menos dinâmico, menos progressivo e civilizado.

MONTENEGRO --- nada custa acentuá-lo novamente --- praticou atos públicos que o tornaram figura imensamente grata e simpática à posteridade. Teve atitudes, gestos que revelavam toda a sua grandeza d'alma. Ele soldou para sempre seu nome à história de nossa cidade; brilha com intenso e inextinguível fulgor na interessante e movimentada História de Pinhal.

Uma Providência velava pelo nosso COMENDADOR MONTENEGRO e o conduzia à realização de sua missão.

Não fugiu à sua missão; realizou-a integralmente e com a máxima perfeição possível. Realizou os sonhos de sua mente, antes que lhe poisasse sobre o coração a mão fria da morte, ou seja, antes de entregar a alma ao Criador.

Para o nosso querido Pinhal trabalhou sem cessar. Tanto ele como os habitantes de Pinhal pensavam no avanço, no adiantamento de Pinhal. No progresso de Pinhal é o que todos pensamos, nós que o amamos... Trabalhamos todos sempre congregados num só e único pensamento: o bem de nossa cidade. Trabalhamos para que corra

sobre nossa terra um rio de paz e uma torrente de progresso. E, de fato, a nossa cidade, na série dos tempos, só tem feito crescer, avançar, progredir no rumo dos seus grandes e verdadeiros destinos.

A morte ou o desaparecimento do COMENDADOR MONTENEGRO consternou profundamente o nosso povo. Entretanto, para quem agiu eumolpicamente, isto é, banfazejamente, como o nosso Comendador, a morte não é nenhum fenômeno aterrador. Para muitos há duas certezas gêmeas, paralelas: para quem nasceu, a morte; para quem nasceu, a reencarnação. Desta forma, quem está aqui, deve partir para o Além; a morte chegará um dia, por mais que demore. Mas, para quem já está no outro lado da vida, não haverá alternativa ou escolha: terá de renascer, retornar à lama escura e envelhecida da terra.

V

O COMENDADOR MONTENEGRO era uma individualidade extremamente simpática e atraente, era um homem de personalidade absolutamente original, sendo certo também que, segundo o consenso geral, um dos seus traços característicos era o de "engajar-se sem medo no serviço concreto dos homens." Na verdade, foi um verdadeiro homem, um homem no pleno sentido do termo, tanto na vida como na morte. Um homem de caráter íntegro e de índole prática, de espírito viril e sobranceiro, de ânimo inquebrantável.

Podemos defini-lo, igualmente, como a decisão do caráter, a resolução da integridade, o ponto-de vista da retidão. Era um homem grave e sério, quer dizer, um homem que refletia a sério, com frio raciocínio e madura reflexão. A dor, a grande dor, deve ter sido a sua educadora, pois somente as grandes dores plasmas os caracteres e abrem os olhos interiores, ou seja, a vista de dentro ou da alma, a segunda e mais profunda vista.

Gerente ou administrador hábil ele o foi --- um administrador com um pensamento assente e claro; ele tinha, realmente, a segurança dum comandante e a consciência dum chefe. É possível

dizer-se também que "o seu espirito era desdenhoso das coisas que não passam de aparência e dos homens que passam como sombras."

Numa palavra, o COMENDADOR MONTENEGRO tornou-se uma personagem histórica, uma personagem de importância extrema. Sobre a maioria exercia o seu grande e singular prestígio --- um prestígio nascido sobretudo do seu inato sentimento de justiça, da sua inteligência positiva e clara, da sua simpatia ativa e criadora.

O COMENDADOR MONTENEGRO procurava por terra e por mar a realização de seus supermos escopos, de seus derradeiros objetivos, não se poupando, para isso, nem fadigas nem despesas. Forjava, mentalmente, arrojadas empresas, formava ou idealizava gloriosos e nobres projetos; animava-o a firme e destemerosa determinação de construir, construir, construir...

Devera ter nascido sob o signo da Ação, da Atividade. Vivia em perpétua atividade; era o retrato do trabalho, uma perfeita imagem da dynamis. Não parava, em sua esforçada atividade; era a bem dizer uma espécie de "moto continuo", desconhecendo o ócio, a vadiação, o descanso... Nada abalava a sua perseverança no trabalho. Filosoficamente, esta constante atividade poder-nos-ia lembrar este passo de Schopenhauer: "A vida consta de movimento --- vita motu constat ---, diz Aristóteles com evidente razão: assim como a nossa vida física só consiste em movimento e se manifesta através dele, incessantemente, também a vida interior, espiritual, requer uma movimentação que não pára."

MONTENEGRO era um trabalhador disciplinado e duro. Trabalhava segundo a dureza da moda lusitana, e não se deixava fêmeilmente arrastar pelas enganosas ou traiçoeiras doçuras da existência.

Sobriamente escrevendo sobre a polifacética personalidade do nosso COMENDADOR MONTENEGRO, assim disse o jornalista pinhalense Francisco da Silva Costa, em cronica de 20 de junho

de 1976 e publicada em O Jornal de Pinhal:

"Na Enciclopédia e Dicionário Internacional, grandíssima obra publicada no ano 50, no vol. XIII, na página 7.542, está escrito: MONTENEGRO, João Elisiário de Carvalho, fazendeiro, nasceu em Louzã, Portugal, em 1824. Ainda moço, veio para o Brasil, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, e dedicou-se ao comércio. Nesta ocupação adquiriu sérios cabedais e com eles adquiriu importantes fazendas, onde iniciou novos processos de cultura.

"Esta propriedade foi por ele denominada Nova Louzã, em homenagem à terra do seu nascimento. Para Portugal enviou capitais suficientes para custeio de um hospital instituído no lugar onde nasceu.

"Recebeu a Comenda de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

"Publicou: Regulamento --- estatutos para a Colônia Nova Louzã (1872); Nova Colômbia (1875); Relatórios sobre as Colônias Nova Louzã e Nova Colômbia (1876) e Memória sobre a fundação e estado atual da Colônia Nova Louzã (1870).

"Tudo que se falar ou escrever sobre o Comendador João ~~xxx~~ Elisiário de Carvalho Montenegro ainda é pouco. Dia virá em que nas escolas deverá ser lembrado este nome, pelo muito que fez por Pinhal, com grande repercussão no Brasil todo. Ao Comendador Montenegro não existe em praça pública nenhum busto, para que as crianças de hoje possam tomar conhecimento daquela impressionante figura que tanto fez para a nossa terra."

Para o COMENDADOR MONTENEGRO, o amor ao Pinhal era coisa sagrada; tal sentimento ele preservava e o conservava no ponto mais santo do seu ser, ou seja, em sua honra.

Oferecia a sua amizade aos "homens bons", aos homens sérios, dignos e responsáveis. Nunca deixou de impressionar ~~nesta~~

favoravelmente os pacíficos habitantes do Pinhal. Agia aos olhos de todos como se fosse investido de uma autoridade legítima. Sempre teve o seu lugar no mundo, e esse lugar foi sempre importante, brilhante.

Figura marcante, de indiscutível liderança, de ~~autêntica~~ ^{autêntica} representatividade entre os seus pares --- tal foi o nosso benquista COMENDADOR MONTENEGRO.

"A natureza não o fizera reservado e esquivo, com tendência à meditação solitária", ou com secreta propensão para os estados contemplativos; bem pelo contrário, seu temperamento era exatamente o oposto, isto é, era jovial, vital, expansivo, aberto, sentindo verdadeiro prazer em viver. Experimentava, mesmo, um verdadeiro "joie de vivre".

Nunca perdera de todo o contato com a realidade da Nação Portuguesa nem com a situação do Brasil. Dotado de enorme senso prático, acompanhava de perto a evolução e o progresso de ambas as pátrias: a de nascença e a adotiva. Brasil e Portugal viviam indissolivelmente ligadas ou irmanadas em seu coração.

Ao envelhecer, não adquiriu o feio costume de atormentar as pessoas com indelicadezas injustas. Não se transformou num velho taciturno, silencioso, insensível às coisas do mundo. Na velhice, alcançou o seu mais alto nível de maturidade de espírito, de experiência e lucidez. O lento passar dos anos tornou-o, na verdade, no homem mais sensato que se podia imaginar.

"O segredo de uma boa velhice não é outra coisa senão um pacto honrado com a solidão." (Gabriel García Márquez, Cem Anos de Solidão).

MONTENEGRO teve uma velhice alerta, sã e ágil. Podia ver-se claramente que a natureza o tinha feito de ferro para suportar quaisquer penas e mortificações. Desta forma, não foi minado, roído pela "impenetrável solidão da velhice". Não foi vencido pela triste decrepitude senil, não "afundou na derrota miserável da velhice". Seu espírito temperado de energia não apagou-se, não subsumiu-se, melancolicamente, na "atropeçante velhice". Não nos afligiu com a dureza de coração, com a concentrada amargura dos velhos.

"Não morreu de cansaço no esquecimento e na miséria", como tem ocorrido com muitos próceres da nação. Até o ultimo instante em que esteve na Terra ignorou a vilania, a falta de lealdade e pudor, a desonestidade, a crueldade.

Jamais foi homem leviano de palavra. Sua permanente cordialidade despertava a confiança imediata. Não fazia escorrer sobre ninguém o fel ruim da amargura, a despeito de muita vez ter de atravessar ~~x~~ tempos de ruim qualidade. Não atormentava ninguém com crises de mau humor. Não tinha inimigos. Sua velhice não foi perturbada por amargos ressentimentos nem por extenuantes rancores. Não era torturado pelo chamado espírito de vingança.

O nosso COMENDADOR MONTENEGRO viveu sem perder um só instante o seu magnifico autodomínio de líder autêntico, de chefe natural, genuino.

Homem rico e poderoso, porém também afável e de bom coração. Sua riqueza ou abastança material era real e não quimérica ou de lenda; existia objetivamente, palpavelmente, "não era ingenuidade nem delírio de grandeza". Contudo, seus bens de fortuna não eram empregados para o mal e sim para o bem, nem ~~xxx~~ constituíam o objetivo último de sua vida. "Na verdade, o que interessava a ele não era o negócio e sim o trabalho."

MONTENEGRO tornou-se, aos poucos, bastante conhecido e apreciado em toda a região da Baixa Mogiana. Era apontado com um homem decidido e que possuía os ímpetos e o espírito explorador dos de sua raça de conquistadores e navegantes audazes. Era um legítimo descendente da brava gente lusitana.

O valoroso Comendador era o homem mais realizador do Pinhal. Era o varão mais firme, mais distinto e enérgico que os moradores do Pinhal tinham visto na vida. O homem mais sensato que já surgira sobre o solo pinhalense e que procurava realizar seus objetivos, sem um só instante de desalento, de vacilação.

Revelava, igualmente, inquebrantável intransigência em assuntos de moral, em questões de honra.

Aparentemente, ao fundar a colônia de Nova Louzã, considerou resolvido o seu destino de colonizador português. Com efeito, fácil era ver-se que Nova Louzã apresentava ilimitadas perspectivas de progresso.

Nunca renunciou à vontade de edificar, de construir, que herdara dos seus maiores, dos seus antepassados. Era um português bem português com sua secular e prestigiada teimosia de povoar e colonizar terras estranhas, distantes, desconhecidas.

Nunca descurou da modernização do trabalho agrário. Em pouco tempo incrementou a produção agrícola de suas vastas extensões de terras. Somente o tempo conseguiu moderar o seu primitivo afã de edificar, o seu primitivo impulso de trabalhar e construir. Bem difícil era arrefecer a sua estupenda capacidade de trabalho.

Tinha excelentes razões e reais motivos para patrocinar a substituição do trabalho servil ou escravo pelo trabalho livre e assalariado. Creio mesmo que em razão dessa substituição veio a tornar-se famoso no país inteiro, chegou a alcançar "o desolado ermo da glória".

VI

O Comendador JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTENEGRO possuía um temperamento definido, inconfundível. Nele sempre houve um sol de clarividência e não admitia ^{bajuladores} ~~bajuladores~~ voejando em torno dele. Não permitia que a realidade quotidiana lhe escapasse das mãos e nutria pela atividade um amor sem medidas. Enfim, foi o homem mais audaz e mais varonil que jamais pudesse haver existido.

Houve época ou tempo em que habitou o famoso "chalet", na Vila que tem seu nome, em nossa cidade. Isto significa que tornou-se, alfim, um homem de sua casa, pessoa de paz. Em seu solar recebia os amigos e admiradores, sem nunca tentar mudar o sentido tradicional da hospitalidade. Seu ambiente doméstico era simples, sem formalidade; os atos quotidianos ali se praticavam sem solenidade alguma.

Era evidente que gostava de casa, do lar doméstico. Possuía vocação hospitaleira, ou seja, apreciava receber no remanso

do lar os companheiros e os que com ele se achavam vinculados por afinidades. Como há pouco dissemos, em seu célebre chalet recebia a todos, com a sua informalidade habitual. Em realidade, para o homem hospitaleiro, as portas foram inventadas para serem abertas e não para serem fechadas.

Por outro lado, convém salientar que o nosso COMENDADOR MONTENEGRO podia ser considerado um simbolo do trabalho. Jamais foi amigo ou cultor da ociosidade. Trabalhar e servir era-lhe uma espécie de idéia fixa, de monoideismo; ele dava, mesmo, a impressão de não poder pensar em outra coisa.

MONTENEGRO trabalhava e agia com método, com uma disciplina inflexível. Sua vida se escoou a trabalhar, a construir, a servir... Trabalhava duma forma como nunca ele próprio sonhara que pudesse fazê-lo. Um trabalhador de tal porte ou envergadura não poderia deixar nunca de verberar, de forma candente, a inércia, a apatia, a preguiça...

Trabalhou muito, o nosso prezadissimo Comendador; o repouso foi coisa que raramente teve na sua vida de fadigas e cansaças. Bem cedo puzera-se a trabalhar, e a trabalhar com afinco, e disso resultou que "em pouco tinha construído para si um mundo ao alcance da mão."

A sua felicidade estava na disciplina, no trabalho, na ordem, no equilibrio. Nada abalava a fé que depositava na capacidade de trabalho e de realização do homem.

A colônia, que fundou e que denominou de "Nova Louzã", é um dos magníficos frutos de sua grande capacidade realizadora. Já vimos que essa magnífica organização agrária foi honrosamente visitada pelo Imperador D. Pedro II, que, no arrebatamento da primeira hora, não lhe regateou aplausos e rasgados elogios à sua benemérita obra de pioneiro agrícola e de introdutor de novos e ~~adivinhados~~ adiantados processos ou sistemas racionais de trabalho na atrasada agricultura nacional. Como na ocasião pôde verificar o próprio Conselheiro Sinimbu, Ministro da Agricultura do Império do Brasil, o nosso Comendador foi tido como um homem que podia emparelhar-se, sem favor algum, aos pioneiros e inovadores agrícolas, cuja fama dava a volta ao País.

Nova Louzã era, visivelmente, o resultado dum trabalho sério, metódico, sistemático, aplicado. Produto genuíno de uma grande, de uma extraordinária, de uma assombrosa força de vontade.

Nova Louzã, colônia próspera, região encantada, de trabalho livre, engastada entre as propriedades agrícolas tristemente infestadas de infelizes escravos!...

A colônia de Nova Louzã era o estabelecimento agrícola mais primoroso que colonizador algum fundaria jamais.

Na verdade, é o caso de perguntar-se: Que é que o nosso simpático Comendador não era capaz de realizar?

O COMENDADOR MONTENEGRO tinha audácia e engenho para realizar o que queria.

Católico fervoroso, nunca fazia nada que não fosse de acordo com a Lei de Deus. Personalidade magnética, homem de espírito independente, ^{que} ~~quando~~ opunha resistência a toda forma de rigidez social. Nunca teve este tortuoso costume das gentes ignaras: "não chamar as coisas pelo próprio nome".

Não, era importuno, inconveniente, ou, melhor dizendo, não era desses seres chocantes que "sempre dizem exatamente o que não deveriam dizer".

Despido de vaidade, comedido, afugentava os adulares, seres que esvoaçavam como corvos em torno dele. "Não podia suportar o cinismo dos seus panegiricos."

O bom humor de nosso Comendador não se alterava mesmo nas piores e mais duras circunstâncias. Foi sempre um impávido homem, um homem que nunca foi mera sombra, que realmente existiu por completo em todos os momentos de sua vida.

MONTENEGRO nunca se converteu num ser incapaz de qualquer reação humana. Nunca "fechou-se com tranca dentro de si mesmo", de tal modo que muitos "acabassem por pensar nele como se tivesse morrido." Desfrutou, enquanto lhe restou um sopro de vida, do pleno domínio das suas faculdades. Não perdeu a vista nem o ouvido nem o peso dos anos o desterrou para um canto, como acontece com a vasta maioria dos seres humanos.

"Sempre demonstrou uma resistência inquebrantável diante das dificuldades mais penosas." Conheciam-se e exaltavam-se na cidade os pormenores da sua vida. Sabia-se que nunca fora um aventureiro, que nunca um cavaleiro errante e que sempre tivera residência fixa, que nunca andara à deriva, sem afetos, sem ~~ambições~~ ambições... Não se esqueceu nunca da pátria de origem, do belo e risonho Portugal, "jardim à beira mar plantado..." A doce terra natal era a sua lembrança mais forte e mais antiga; a saudade da querida pátria distante vinha-lhe ao coração e à memória, cada vez mais forte e mais nitida à medida que envelhecia.

Este homem de conquistas, este intrépido desbravador, chamado JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTENEGRO, foi um dos maiores e melhores amigos de nossa cidade.

À custa de esforço e trabalho ~~honesto~~ ^{honesto} conseguiu amealhar fortuna --- uma fortuna que em certa época foi tida como a maior e mais sólida do Pinhal e redondezas.

O tempo passava mas o COMENDADOR MONTENEGRO não perdia o seu encanto, o seu grande magnetismo pessoal. Seu ar de gravidade e distinção resistiu à passagem dos anos. Alegre e vivaz, não conhecia a amargura. Homem de semblante afável, de natureza comunicativa, só podia ser, e o era realmente, ~~queridissimo~~ ^{queridissimo} na cidade.

MONTENEGRO envelheceu suavemente, maciamente. Respeitavelmente. Não se transformou numa sombra, numa ruína viva, num espectro. Sempre pareceu menos velho do que era na realidade. Seu rosto aparecia pouco sulcado ou devastado pela idade. Quando morreu, quando deixou este sórdido mundo dos vivos, todos queriam ver o cadáver do velho e bravo colonizador ultramarino, belo e de boa cor, todo envolto em flores...

O nosso valoroso Comendador conservou até o fim a firmeza do seu caráter. Envelhecera firme e reto e "com a saúde de ferro que sempre tivera". Suportou bem, sofreu com estoicismo e resignação as punições do tempo. E sua solidão final foi iluminada pela compreensão --- uma solidão não viciada pelo rancor, porque, como sempre temos dito, ele não tinha inimigos e nunca alimentara

o espírito de vingança, que tantos males e sofrimentos causa à humanidade.

MONTENEGRO era homem de coração brando, homem muito lúcido e com real "habilidade para se bastar a si mesmo". Embora pun-donoroso e cheio de brio --- cheio do brio e valentia dos de sua raça ---, não se deixava "queimar na luz da sua altivez".

A sua retidão de caráter era coisa do domínio público. A sua probidade, a sua integridade moral não era mistério para ninguém. O seu perene bom senso, a sua maturidade de espírito era conhecida e louvada em todos os cantos e recantos da cidade.

O nosso Comendador era um homem livre por excelência. Tanto que sua natureza reagia contra qualquer espécie de servilismo. Não se curvava a imposições de ninguém. Por mais alto que fosse o preço da sua liberdade, ele a pagaria de bom grado, sem reclamar. Era evidente que nascera para ser livre. Livre como o vento ou o falcão do deserto.

Permita-se-nos repetir isto: ~~o~~ ^o temperamento de nosso Comendador não era azedo, áspero, difícil. Homem simpático, simples, "tendo a virtude de causar boa impressão desde o primeiro momento." Atraía sobretudo porque tinha um espírito moderno, um espírito flexível, vivaz, em radical oposição à embolorada e quadrada sobriedade dos antigos.

Criatura de coragem excepcional e que a todos cativava de maneira irresistível. Parecia que uma lucidez penetrante lhe permitia ver a realidade das coisas por trás de sua casca convencional ou de formalismo.

O COMENDADOR MONTENEGRO era homem de muito prestígio --- prestígio, aliás, que ninguém ignorava e que todos reconheciam como merecido e justo.

Foi homem sério, grave, ponderado, de muito critério, de elevado bom senso. Nada conseguia vulnerar a sua obstinação em trabalhar, em ser livre e laborioso. Era tal o poder da sua presença, do seu fascínio pessoal, que, desde a primeira vez que foi visto em nossa região, todo mundo passou a sentir-se bem em obedecer-lhe, em ser comandado por ele.

Homem sempre muito ocupado, sempre absorvido por mil e uma ocupações. Sem tempo, praticamente, para nada, consoante se

diz. Melhor assim. Pois "NÃO LHE SOBRAVA TEMPO PARA AMOLAR NINGUÉM."

Em suma, o COMENDADOR MONTENEGRO foi um ser raro, aprimorado, notável, capaz de julgamento objetivo e justo. Possuía notável conhecimento dos homens e do mundo; era, portanto, extremamente difícil enganá-lo, desorientá-lo. E não era como os egoístas, aqueles que do jugo do próprio interesse não se podem libertar por um segundo sequer.

Não se deixava guiar senão pelos ditames ou esclarecimentos da razão, isto é, por critérios elevados, amadurecidos, sadios. Norteava-se, ainda, pelo amor do Brasil, sua segunda pátria, sua pátria adotiva. O que mais queria era servir e ser útil a Deus, à Família, à Nação Brasileira.

Para realizar esses seus altos e generosos sonhos e anelos jamais curvou-se, subalternamente, sem reflexão ou raciocínio, ~~não~~ ao fanatismo alheio. Homem de boa cepa que era, de boa estirpe ou linhagem, não poderia curvar-se nunca ao arbitrio ou capricho de ninguém.

VII

JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTENEGRO, ou, como apaz-nos chamá-lo, "Comendador Montenegro, o Homem", nunca se conver-teu num ancião lúgubre. Chegou-lhe a velhice de modo suave, tran-quilo, pacífico. Tornou-se um velho que "ia tranquilo aos prados da morte definitiva." Mas só depois de mais de meio século é que a sua tremenda capacidade de trabalho começou a declinar, a se quebrantar.

Na velhice, parece ter encontrado o paraíso da solidão partilhada. Envelhecendo, era justo, legítimo o seu anseio de re-colher-se, de repousar. Tinha, realmente, o direito a descansar depois de mais de meio século de trabalho quase ininterrupto. O descanso era um justo prêmio ~~à~~ àquele que quase passara a vida a trabalhar, ou para o qual tinha havido tempo em que os extenuantes trabalhos e as fadigas da vida, as dificuldades e rudezas da existência não lhe deixavam tempo para ele pensar na felicidade alheia.

O nosso brioso Comendador não chegou, por felicidade

sua e nossa, àquele extremo estado de velhice --- estado ou situação-limite em que "ninguém sabe ao certo se a pessoa fala do que sente ou do que recorda", ---- situação ainda em que a criatura vai-se pouco a pouco reduzindo, fetizando-se, mumificando-se em vida, a ponto de nos últimos meses ser uma ameixa seca..." Na mesma situação, finalmente, o ancião fica como que em estado comatoso, cai em completa regressão, "fica imóvel vários dias, tem-se que sacudi-lo para se convencer de que ele está vivo, é necessário sentá-lo no colo para alimentá-lo com colherinhas de água com açúcar, como a uma criancinha recém-nascida." (Gabriel Garcia Márquez, Cem Anos de Solidão).

Em tão agudo e extremo estado de senilidade "a morte se apresenta de um momento para o outro, e o cadáver do extinto cabe num caixãozinho pouco maior que uma cestinha..." (idem)

Montenegro, o Homem, não se tornou tão velho e esgotado, que viesse a se tornar acabado nas profundas crises da senilidade. Ao envelhecer, não sentia a necessidade de se sentir triste, não sofria atrozmente os tormentos e os embates da saudade. Com efeito, entristecer-se, para muitos velhos, "se transforma num vício à medida que os anos os devastam."

O ancião lentamente se acaba, e completamente se afasta do resto do mundo. Ele é total e fragorosamente derrotado pelo tempo. A idéia do tempo traz à baila "a voracidade do esquecimento que pouco a pouco vai consumindo sem piedade as lembranças." O ancião morre em vida, torna-se esquecido como se morto fora. Em geral, muito pouca gente assiste aos enterros, e não são também muitos os que se lembram dos que morrem...

O nosso Comendador, como temos dito, nunca chegou a vagar numa velhice solitária, com as pessoas mal reparando nele. Entretanto, envelhecer, arruinar-se é uma lei da natureza; sofrem todas as cousas "a arremetida incontrolável da destruição".

~~"A vida é mais curta do que a gente pensa."~~

"A vida é mais curta do que a gente pensa."

MONTENEGRO nunca jamais caiu em desgraça. Nunca ninguém jamais perdeu-lhe o respeito, ou zombou dele. Senhor Comendador,

tal foi sempre o atencioso e respeitoso tratamento que todos lhe dispensavam. No fim, "os dias começaram a se parecer tanto uns com os outros que não se sentiam passar." Já próximo do seu trespassse, padecia o velho Comendador apenas insignificantes infortúnios, quase que só as pequenas vilanias do quotidiano.

A velhice abrandava o coração? É de crer que sim. O nosso Comendador nunca foi melhor homem do que nos últimos anos, ou seja, nos anos de sua prestigiosa e honrada velhice.

Jamais caiu em acessos de loucura senil, sendo um velho sumamente gentil e hospitaleiro. Acreditava, por certo, que a hospitalidade era a única ^{ou a melhor} ~~maneira~~ maneira de espantar a ruína.

Mandava abrir portas e janelas, sua casa abria-se a todos, pois, como dissemos, era homem hospitaleiro, no pleno e tradicional sentido do termo. Era evidente que herdara tanto a fortaleza de ânimo como esse sentido de hospitalidade dos seus maiores, dos seus ilustres e briosos antepassados de ultra-mar.

Embora velho e fatigado, não vivia nas proximidades do aborrecimento e do cansaço. Nele jamais se extinguiu o sentimento da solidariedade humana. Tornara-se um velho simpático, amável, agradável --- um velho limpo e apresentável e que nunca perdeu contato com a realidade. Jamais afastou-se do mundo nem exilou-se num universo de trevas --- universo impenetrável, intransponível e solitário como o dos pobres esquizóides.

Homem de natureza tenaz, invencível; homem de vontade resoluta e vigorosa sempre soube "resistir sem quebrantos aos mais duros golpes da realidade cotidiana."

Era audaz e temerário, e jamais se deixou vencer pela negligência ou entorpecer pela indolência, pela moleza... Todos apreciavam a companhia de um homem assim, de extraordinária força de caráter, ao mesmo tempo que tão alegre, tão simpático e loquaz.

Dele todos só faziam um bom juízo; a todos ele só inspirava boa esperança. "Homem sem preconceitos, alegre e moderno, com os pés bem firmados na terra." Além do espírito de hospitalidade, que cultivava religiosamente, não tinha --- como o têm

tantos --- "o hábito pernicioso de não chamar as coisas pelo nome."

Pode dizer-se que seu ânimo jamais decaiu, ele quase conservando até avançada idade o viço dos anos juvenis. Nunca lhe sequeou o gênio de diretor de obras, de organizador, de chefe de empresa, de criador de novos sistemas e processos... Como sempre temos acentuado, o Comendador se matava de trabalho, nos áureos e belos anos da sua mocidade.

Também para ele, está bem claro, houve tempos difíceis, tempos bichudos, atormentados pela careza da vida; houve tempos em que as contas estiveram ruins, causando insônia e preocupação, e em que o dinheiro se tornava vasqueiro, fugidio... Já vimos que à custa de esforço, dedicação e trabalho honesto conseguira juntar riqueza --- uma riqueza discreta, não aparatosa como a de tantos...

MONTENEGRO era um ecônomo, nunca foi um esbanjador. Não esbanjava nem dinheiro nem a si mesmo. O dinheiro que possuía era uma força benfazeja e não malfazeja. Por vezes, ele dava a impressão que o bem-estar dos amigos lhe importava mais que o seu próprio.

O COMENDADOR MONTENEGRO honrou o nosso Pinhal com a sua dinâmica e preciosa presença. Foi, em certa época, o habitante mais lúcido da cidade.

O Comendador incorporou-se à vida de nossa cidade, onde, certamente, "poucos se dariam ao trabalho de fazer especulações desconfiadas sobre a sua origem."

Vir para o Brasil "constituiu um primeiro passo de um caminho cujo comprimento era impossível prever." Outro passo decisivo foi o de adquirir o patrimônio territorial de Nova Louzã, a qual logo se tornou colônia próspera, florescente e bem enca-minhada.

O Comendador Montenegro, o Homem, jamais deixou de amar Portugal, ^{seu} ~~seu~~ idolatrado país natal. Ele devia saber de cor e salteado as "lendas e narrativas" da história portuguesa, as legendárias e heróicas façanhas dos de sua mui leal e brava gente --- façanhas ou feitos memoráveis de uma raça de fantásticos e ~~atras~~

exploradores, conquistadores e navegantes de audaz e rija têmpra, varões de coragem, brio e bravura inigualáveis e que assombravam o mundo, gente de valor jamais desmentido nem podendo ser posto em comparação com o de outros heróis de outros povos e nações do globo.

MONTENEGRO era um filantropo, um benemérito. Não hesitava em emprestar sua força monetária para acabar de restaurar coisas dignas em ruínas. Não se vexava de ser caritativo e bom. Por outro lado, podia proclamar-se que não havia poder humano capaz de fazê-lo cometer qualquer baixeza ou indignidade.

Bem pensadas as coisas, a vida do COMENDADOR MONTENEGRO foi o resultado de um feliz e harmonioso conjunto de circunstâncias e eventos. Disse o sombrio Schopenhauer: "A nossa vida não é, no fundo, apenas obra nossa, mas o produto de dois fatores, a saber, da série dos acontecimentos e da série das nossas decisões, que se interpenetram sempre, modificando-se mutuamente." --- "Há em nós algo de mais sábio que a cabeça. Nos grandes lances, nos passos capitais da vida, procedemos não tanto pelo conhecimento preciso do justo, como por um impulso intimo, poder-se-ia dizer um instinto, provindo do mais profundo do nosso ser."

Sábias, profundas palavras!

Este ensinamento evidencia-nos a força do "eterno retorno". Tudo vai e volta, quer dizer, o tempo passa, ou gira em circulo, fazendo-nos viver novamente o que já vivemos. Tudo vai e volta sempre ao ponto de partida. Contudo, os fatos realmente se repetem ou simplesmente se parecem? Porta aberta à fantasia dos metafísicos.

Diremos, em prosseguimento, que MONTENEGRO era um homem de moderação e decoro, sem fantasia. Se fora um ente espiritual, bem difficil seria para ele suportar ou enfrentar este nosso mundo absurdamente cretino, ou a-espiritual.

Não se diga entretanto, meditando supreficialmente o que acabamos de dizer, que em MONTENEGRO não se podiam observar sinais duma natureza profunda; ele possuia, de fato, uma natureza realmente profunda e que tomava naturalmente muito a sério as suas

VIII

O COMENDADOR MONTENEGRO, o Homem, atingida a derradeira fase de sua vida, tornou-se a imagem da tranquilidade e da paz. Revelava, por fim, no lago da velhice tranquila, a mansidão do homem que muito lutara, que muito vivera e sofrera. Todos procuravam acercar-se dele porque era um velho muito sociável e comunicativo, bondoso e altruista, em flagrante contradição com certa classe de anciãos inacessíveis e intratáveis, aos quais ninguém dirige a palavra, nem eles desejam que tal coisa aconteça. Em realidade, tais velhos não têm tempo para pensar em nada além de si mesmos.

O nosso generoso Comendador não era um velho hermético, desses que têm uma aura, ou melhor, uma nuvem de mistério, que o tempo torna cada vez mais densa. Enchia as suas horas mortas recebendo amigos ou refletindo ^{maduramente} ~~XXXXXXXXXX~~ acerca dos magnos problemas humanos e sociais. Soubera envelhecer. Certos anciãos chegam a este ponto: "encontram-se à deriva, na ressaca de um mundo acabado de que só resta a saudade." Narram fatos reais em que ninguém acredita, ocorridos em tempos ou épocas longínquas. ~~Os~~

Indagam: Teriam mesmo existido esses fatos tão remotos, tão distantes, ou seriam meras invencionices ou caduquices de velho? Não havendo, de tais fatos e ocorrências, testemunhos fidedignos nem registros públicos e oficiais, é quase certo serem tomados como delírios imaginativos ou fantasiosos relatos de velhos ridículos.

O ancião, triste realidade humana, resto melancólico de uma humana criatura: "a voz se lhe foge, a vida se lhe esvai, a memória se lhe transforma num pólipó petrificado." (Gabriel García Márquez, Cem Anos de Solidão).

Muito fala o ancião do passado. Mas o passado existe, realmente? O passado é um buraco cuja existência é posta em dúvida, se não for comprovado objetivamente, indiscutivelmente. As coisas que ocorrem são simples ilusões, meras fantasmagorias, e vão-se precipitando no abismo do esquecimento, da irreabilidade... Todo passado se aniquila, se eclipsa, se dissipa, se desfaz em nada. Lentamente o passado se desvanece, vai-se acabando a cada minuto. Mal uma coisa acontece e já passa a ser esquecida. "O passado é mentira, a memória não tem caminhos de regresso, toda primavera antiga é ^{irrecuperável} ~~irrecuperável~~, o amor mais desatinado e tenaz não passa de uma verdade efêmera." (Gabriel García Márquez, obra citada).

Entretanto, que o passado exista ou deixe de existir, isso na verdade pouco importa. O que realmente importa é que estejamos vivos, vivos aqui e agora. Basta-nos existirmos neste momento. The rest is silence.

Mas, retomemos o fio. Voltemos a falar acerca de nosso inesquecível COMENDADOR MONTENEGRO.

O nosso João Elisiário de Carvalho Montenegro nunca fora um moço outonal, terrivelmente triste e solitário. Bastava vê-lo uma vez para perceber que ele vinha de muito longe. Não era um ensimesmado, um solitário, como os nascidos sob o signo de Aries. Aries, sabe-se, é o signo da solidão. O ariano vem ao mundo "marcado para sempre e desde o princípio do mundo pela variola da solidão."

MONTENEGRO sempre gostou de viver em nosso querido Pinhal, malgrado "tivesse dinheiro de sobra para viver bem e comodamente

em qualquer lugar do mundo." Por fim, "já tinham transcorrido anos que vivia em nossa cidade e ele continuava tão contente como no primeiro dia."

Ele falava de Pinhal como da cidadezinha mais luminosa e plácida do mundo.

Era homem de uma firmeza, uma habilidade e uma paciência infinitas. Muito sabia ele do mundo e do coração humano. Na hora da verdade viu o nosso povo o quanto o nosso Comendador era integro e bom.

Homem puro, reto, e que "não urdia planos que não fossem de longo prazo". Não tomava decisões que não estivessem orientadas para o bem e o progresso de nossa terra.

A vida dura, a vida áspera jamais infundira-lhe o medo do mundo. "As coisas andavam pelo mundo como ele imaginava." Via sem problemas ou dramas de consciência. Homem firme, resolutivo; tudo o que fazia era com gestos diretos, decididos. Mantinha o bom-humor a qualquer hora e em qualquer circunstância. Ao envelhecer, tornara-se um velho espontâneo, simpático, emancipado de formalismos e convenções, com um espírito moderno e livre, apenas reverenciando as tradições justas e sensatas.

Sempre manteve a sua ^{dignidade} ~~aguidade~~ senhorial e os serenos gestos patriarcais. Sério, mas capaz de rir, capaz de pilheriar com os amigos, com os mais íntimos. "Bastava vê-lo uma vez, mesmo de relance, para perceber que a força secreta que lhe permitia viver não era o instinto de conservação, mas o hábito de pensar, de refletir, de ponderar as coisas."

Com efeito, o Comendador pensava bem em tudo o que fazia. Cedo aprendera a refletir seriamente sobre tudo. Andou entre nós repartindo lições de coisas, lições de serenidade e boa conduta.

O nosso COMENDADOR MONTENEGRO foi um personagem histórico das mais ilustres. Quantos de nós hoje venderiam a alma conhecê-lo, para dialogar com ele?

Homem absolutamente realizador, genuinamente empreendedor. Um colonizador de primeira ordem. Não tenhamos dúvidas sobre

isto: a sua vocação dominante era a colonização. Colonizar --- eis um "impulso que dormia nele desde as suas origens."

Fundou a colônia Nova Louzã, que, como bem se sabe, pertence ao patrimônio territorial da vizinha comarca de Mogia Guaçú. Tal colônia foi, em seu tempo, um trabalho de perfeita organização, mas, além dessa notável criação de seu gênio colonizador, fez muita coisa perdurável.

No livrinho de 145 páginas que ^{há anos escrevi} ~~XXXXXXXXXXXX~~ sobre Pinhal e sua história mostrei, em singelos tópicos informativos, que Nova Louzã apresentava substanciais reformas no trabalho agrário do Brasil, visto que adotava o sistema de operários livremente contratados e assalariados, com integral dispensa do trabalho escravo e não remunerado. Tal sistema, bem como o de parceria agrícola, ^o ~~xx~~ sistema Vergueiro e outros, mudavam, radicalmente ou de ~~fundamentally~~ fond-en-comble, a estrutura ou organização agrícola do nosso País.

"Em Pinhal, como em toda a parte onde foi introduzido, o trabalho livre produziu os mais fecundos e salutares resultados. Pode dizer-se que o trabalho livre e assalariado é a pedra angular sobre a qual se assentam e se erguem os pilares da grandeza econômico-financeira pinhalense. Ali, como em toda a parte onde foi posta em prática, a substituição do braço escravo pelo braço livre redundou em um copioso aumento do rendimento do trabalho, mormente na esfera da lavoura cafeeira, que sempre se constituiu na mola principal da economia local." (cfr. Ubirajara Rocha, Pequena História da Civilização Pinhalense, Pinhal, 1964, págs. 75-76).

Incontáveis e abalizados observadores têm conferido extraordinário realce às realizações humanas e sociais do nosso ilustre e inolvidável COMENDADOR MONTENEGRO. Realizações, feitos, empreendimentos e obras oficiais e documentalmente registradas, não apenas confiados aos registros instáveis da memória. Disse Machado de Assis: "A memória, essa cidade das traições."

MONTENEGRO --- ninguém se atreverá a negar isto --- foi homem de valor e de ação; tinha a mesma têmpera dos que têm amor à realidade e harmonizam-se com ela.

Homem de grande sabedoria prática. Grande homem, capaz de realizar grandes coisas. Quer dizer, afeito a empreender o grande, o notável, o extraordinário.

Homem muito tenaz, de muito arrojo, de muita iniciativa, tudo conseguindo por sua férrea força de vontade e não por efeito de magia. Não roubava o fogo que Prometeu roubara aos deuses.

O nosso COMENDADOR MONTENEGRO veio enfim a sofrer a "desolação da glória". É justo que seu agusto nome seja celebrado e glorificado enquanto durar esta nossa cidade do Espírito Santo do Pinhal.

O brilho que rodeou sua vida é digno da melhor descrição humana. Nada mais imperdoável do que aplicar-lhe o mais frio ou glacial esquecimento.

MONTENEGRO: extraordinário exemplo de energia humana. Já o dissemos: para um homem de tal envergadura, de tal estofa a admiração da Estética jamais será excessiva. Injusto será esquecer-lo. Desgraçadamente, o tempo tudo devora, tudo engole. Tudo vai morrendo, inexoravelmente, através dos anos. "O tempo faz com que tudo desapareça da memória." --- "O esquecimento não é somente a lei da mente; é também a lei do corpo." Para muitos o esquecimento é até bálsamo, remédio...

"Os cabelos se esquecem de ter sido loiros ou morenos, e embranquecem; os olhos, abertos e profundos na maravilha da juventude, se tornam opacos e quase que apagados; o rosto, liso e redondo, se torna cheio de rugas, murcho e feio e um dia, também o coração se esquece de bater e isso custa-nos a vida."

"A vida não pára e tudo se renova, também a cultura e os sentimentos que a acompanham. A história registra os grandes acontecimentos, porém cada homem e cada mulher, cada época e cada vicissitude, tem algo desconhecido e secreto que ninguém conhece nem consegue penetrar."

Eis uma grande descoberta da filosofia: "Nada é permanente, nada perdura; tudo muda, tudo flui." (Heráclito).

Esquecer... "Em nossa memória flutuam poucos escombros

e o olvido nos ensina e nos cuida: a amargura hoje insuportável amanhã será esquecida, aquele prazer tão desejado e finalmente alcançado, não era assim tão importante e de repente se evapora e desaparece. No olvido há uma vontade arcana e fraternal, auxiliadora, um anjo divino que nos murmura suavemente: "esqueça".

(Libero Maravoglia).

Tem sido dito e redito que a estória de uma vida se repete. Mas, pergunta-se: existe, mesmo, o "eterno retorno"? "A estória duma vida é uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que continuaria dando voltas até a eternidade, se não fosse pelo gessgaste progressivo e irremediável do eixo."

Vista sob outro ângulo, sob outra perspectiva, a vida humana é um contínuo, incessante resolver de problemas práticos. De manhã à noite está o ser humano a braços com questões de ordem prática. Em outros termos mais claros e precisos: "A vida formula ao homem desde sempre, problemas --- estes problemas que não se formula mas que caem sobre ele, que lhe são formulados por seu viver, são os problemas práticos."

Para resolver problemas tem o homem a ~~uma~~ inteligência. A inteligência, neste sentido, é um instrumento ou um aparelho de resolver problemas.

IX

O COMENDADOR MONTENEGRO, o Homem, foi um experimentador magistral, um administrador de alma limpa, um colonizador exemplar. Possuía virtudes lendárias de condutor de homens. Poderia, sem exagero, conferir às suas obras e empreendimentos um interesse e um sentido infinitos; não era, simplesmente, um fazedor de experiências; era, em última instância, um criador, um ^{legítimo e} ~~autêntico~~ autêntico criador, realizando coisas ficáveis, imortalizáveis.

Homem de perene constância no trabalho. Modelo de diligência, zelo e fidelidade. Era firme, com uma firmeza de rocha. Punha grande perseverança em seguir idéias progressistas; tinha todas as virtudes do sementeiro, do homem excelente, do homem digno de se imitar. Um fato digno de nota: suas primorosas qualidades pessoais atingiram os domínios da fábula, as fronteiras da lenda.

MONTENEGRO nunca foi um partidário da doutrina do primo mihi --- do "primeiro eu", eu em primeiro lugar. Era impecavelmente generoso, irrepreensivelmente altruista. Não havia ridículo quixotismo em suas atitudes. Não era um novo Quixote; não ~~era~~ ^{era}

malgastava o tempo a construir castelos no ar nem a bater-se contra moinhos de vento.

O nosso velho e honrado COMENDADOR MONTENEGRO possuía o caráter do verdadeiro homem de bem. Nunca amesquinhou as qualidades generosas de sua nobre "gens" ou estirpe. Nele jazia --- vibrante e não atrofiado --- o genio viril de sua linhagem.

Administrador inteligente, amadurecido. Para execução de seus planos e projetos de ação usava vontade firme, tenaz. Colonizar, formar núcleos coloniais, era talvez o mais alto objetivo de sua vida, como para outros é amar a Deus, mergulhar em Deus.

Por fim, mesmo morando no seu moderno e elegante "chalet" na cidade, imitava exatamente os nascidos nas Minas Gerais, que "resguardam maneiras de casa antiga de fazenda", fazenda de espaçoso alpendre.

MONTENEGRO era um cavalheiro discreto, sem as qualidades do orador eloquente. Com efeito, Mercúrio é parco dispensador desse dom inestimável que é a eloquência; o deus raramente concede aos mortais o dom maravilhoso da palavra. No entanto, o nosso Comendador, com possuir tal deficiência, não deixaria de ser pessoa de convívio assaz agradável.

Era parcimonioso no falar; tal como o nosso sertanejo, era escasso no falar. O homem do sertão só fala o necessário, o indispensável. "É árvore pedrenta; as palavras de pedra ulceram a boca." --- "Fala devagar, pega as palavras com cuidado, confeita-as, rebuça-as; toma tempo todo esse trabalho." (João Cabral de Melo Neto).

O bom português JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO

MONTENEGRO desde cedo teve sua "mente pressurosa-mente engajada numa atividade voluntária e construtiva", num objetivo alto e digno. Enobrecia-se ao se entregar aos trabalhos e às fadigas da colonização, do desbravamento....

MONTENEGRO possuía paciência, coragem, benevolência; numa palavra, era detentor de todas as virtudes fortes e suaves. Possuía uma inteligência depurada pelo amor; era generoso de indole, e sabia por à larga o coração.

O amor salvou-o da aridez, da tristeza, da melancolia. Disse o sábio Eckhart: "Aquele que sofre por amor não sofre, pois todo o sofrimento é esquecido."

O nosso Comendador tornou-se sábio. Mas, como bem se sabe, só a velhice confere sabedoria. NÃO HÁ JEITO DE SE ADQUIRIR

A SABEDORIA ANTES DA VELHICE.

Coisa terrificante é a velhice pobre e solitária. Nada mais triste do que o velho sem independência econômica --- ou, sendo embora independente, possuía herdeiros gananciosos e sem escrúpulos a corvejarem à sua volta. Nada disto ocorreu ao nosso estimado Comendador, que se tornou um velho sábio, prudente, com independência financeira, para viver a salvo das amedrontadoras situações acabadas de esboçar. Assim, a velhice poderia vir para ele, tranquilamente, como realmente veio; para ele, sem susto, "a vida poderia declinar e rolar pelo declive rápidos dos anos": tinha ele recursos suficientes, dentro e fora de si, para atravessar o período final da vida, a fase derradeira e geralmente triste da existência.

Sobre a velhice escreveu o luminoso Léon Denis: "Á medida que a existência decai e se vai envolvendo de névoas, vai-se fazendo mais viva a grande luz do Além e os sentimentos de justiça, de bondade e de amor, que presidem ao destino de todos os seres, tornam-se para quem envelhece força nas horas de desalento e tornam-lhe mais fácil a preparação para a partida."

O COMENDADOR MONTENEGRO teceu, fio por fio, dia a dia, a rede de seu destino. Usou sempre nobremente as suas altas faculdades. "O uso mais nobre que se pode fazer das faculdades é trabalhar por engrandecer, desenvolver, no sentido do belo e do bem, a Civilização, a sociedade humana." (Léon Denis).

Pouco se importava, o nosso valoroso Comendador, se a ingratidão e a maldade se levantassem na sua frente, procurando feri-lo e desanimá-lo. Como disse Léon Denis, luminoso autor

que tanto gostamos de citar: "Aquele que ama não recua por tão pouca coisa; ainda que colha espinhos e silvas, continua sua obra, porque esse é seu dever, sabe que a abnegação o engrandece."

Como temos dito, o COMENDADO MONTENEGRO era um benfeitor, e o benfeitor goza alegrias desconhecidas do egoísta e do mau. Para o benfeitor, "as coisas mais vulgares são de interesse; tudo parece iluminar-se; mil sensações novas despertam nele."

O grande benemérito lusitano, fundador de Nova Louzã, vivia distanciado dos "planos inferiores onde reinam as impulsões egoístas e fatais." Funcionava, sua alma, como "um sistema de força e um gerador de amor, cujo poder de ação aumentava com a elevação." Todos os que o rodeavam recebiam a sua influência salutar. Homem extraordinário, de grande força moral, de aspirações excelsas, e que sempre, sempre lutou para um mundo melhor.

Homem livre e que sabia usar de sua liberdade. Tinha conhecimento das coisas e das leis. Realizou um estudo profundo do coração humano. Ansiava por difundir o bem e a verdade em torno de si. Alma viril, que não fugia à luta, que tomava parte no combate pelo bem, pelas causas ~~nobres e elevadas. Lutava, por si~~ nobres e elevadas. Lutava, por si mesmo e pelos outros, como faz todo o verdadeiro cristão.

Percorreu, com denodo, as ásperas sendas do destino. Sorria à desventura, suportava bravamente todos os reveses, todas as amarguras da sorte. "Não caminhou neste mundo solitário, entristecido, curvado sob o peso da vida." Não viveu sem amor, em cruel solidão. Fundou sólido, belo e fecundo círculo de amigos; projectou-se, por bem dizer, em felizes e nobres companheiros de ideal, que dele aprenderam como manter a pureza e a integridade do próprio nome.

O nosso generoso Comendador gostava de exercer, sobre as pessoas que amava, uma espécie de proteção, de providência particular. "Experimentava uma calma, um sossego de espírito, uma espécie de serenidade que dava-lhe um antegozo das quietações celestes."

Ela, verdadeiramente, brilhava de bondade, de altruísmo

e piedade neste mundo de egoísmo feroz (mundo-cão?).

Sua bondade era um foco sempre vivo, sempre ardente, que cativava as pessoas. Ao amparar e socorrer os necessitados gozava momentos de ventura, instantes de ventura perfeita, ainda que efêmera. Eram, por bem dizer, preciosas e fugitivas espumas de felicidade. Eram em outros termos, "sensações suaves e mais fortes que todas as alegrias físicas, alegrias inefáveis somente conhecidas das almas que sabem verdadeiramente amar."

MONTENEGRO amava o próximo de forma depurada, quer dizer, com um sentimento nobre e desinteressado; era uma afeição ideal e que dedicava a todos, à família, à Pátria, à Humanidade.

Resumindo: o COMENDADOR MONTENEGRO era um homem excelente, um espírito eminente, do qual se desprendiam radiações, eflúvios regeneradores. Envolvía-o uma atmosfera de serenidade e harmonia.

Era, como sempre temos dito, o Homem --- o homem bom, simples e generoso.

Mas que é, precisamente ser bom?

Escreveu o filósofo e mestre Huberto Rohden: "Ser bom não é ser bonzinho... Muitas vezes ser bom parece até ser mau; por vezes o nosso ser-bom exige rigor, disciplina, aparente crueldade. Quem permite passivamente todos os abusos ao redor de si, sob pretexto de ser bom, não é bom. Ser bom é ser intransigente amigo da verdade, de retitude, de justiça, da ordem e disciplina.

"Quando Jesus expulsou os vendilhões do templo revelou-se um homem realmente bom.

"Nós, quando agimos com severidade e rigor, agimos muitas vezes em defesa do nosso ego humano, ofendido, e isto não é ser bom. Mas, quem age com rigor e severidade em defesa de uma causa sagrada, esse é realmente bom, talvez cruelmente bom, embora os homens mundanos o tachem de mau.

"O homem realmente bom deve ter a coragem de ser considerado mau por aqueles que não são bons. Ser bem-bom é, muitas vezes, o contrário de ser bom.

"O homem realmente bom é o maior benfeitor da humanidade. Homens realmente bons, auto-realizados, irradiam poderosas auras, mesmo que ninguém saiba da sua existência. Um homem que chegou à plenitude do amor, dizia Gandhi, neutraliza o ódio de muitos milhões." (os grifos são nossos).

Agora, uma nota triste, amarga: a Morte, a ceifeira impiedosa, a Parca cruel, emudeceu para sempre o nosso inesquecível ~~Comendador~~ Comendador.

É a lei do desgaste, "lei que não poupa a ninguém. Os anos passam, os homens morrem --- é a lei da vida.

Também para MONTENEGRO chegou o declínio da vida com suas desilusões; as sombras crepusculares se adensaram ao seu redor, se acumularam sobre ele, sobre sua "alma dissecada pelo vento áspero das provações e da dor." Nada mais havia a fazer para salvá-lo. Pouco tempo mais se passou, e eis que a morte chegou para ele... Morreu, como cada um de nós terá fatalmente de morrer, um dia...

Entretanto, fundamentalmente considerada, a morte é boa amiga, é nossa irmã generosa e benéfica. De modo algum deveremos temê-la, ou odiá-la. Ela só benefícios nos traz.

Pouco antes de cair gravemente doente e entrar em agonia, Monteiro Lobato escrevia ao seu amigo Godofredo Rangel uma carta em que dava mostras de estar perfeitamente ciente de que muito em breve partiria para sempre deste mundo. Assim dizia o imortal criador de Urupês, o Maupassant do conto brasileiro:

"---Não é impunemente que chegamos aos sessenta e seis anos de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim --- foi um aviso, um preparativo. De agora em diante o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a grande viagem, viagem que para mim perdeu a importância depois que aceitei a sobrevivência. Se morrer é apenas passar do estado vivo para o de não-vivo, que venha a morte, que será muito bem recebida. Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além. Isto aqui, a vida corporal, já não mais me interessa. A morte me parece a maior das maravilhas, isto é, o que tenho dentro de mim, mas sem o corpo... Maravilha, sim. Não mais terei tosse nem ~~pijarros~~ pigarros..."

X

O Comendador JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTENEGRO ----
que ao ^{longo} ~~longo~~ deste trabalho temos chamado de o Homem --- era efetivamente um homem de forte personalidade, um homem de consciência própria e um homem de princípios. "Os princípios --- escreve o mestre e filósofo Huberto Rohden --- os princípios preservam o homem, como o sal (preserva os alimentos da corrupção)."

MONTENEGRO foi sempre um homem no pleno sentido da palavra: altaneiro, viril, sem medo. Lembremo-nos deste passo do ~~MESEN~~ nosso velho Marquês de Maricá: "O medo é a arma dos fracos, como a bravura a dos fortes."

O nosso famoso Comendador foi autor de feitos memoráveis --- feitos para crônicas, para narrativas quase épicas. Ele foi e continua sendo, para nós, uma permanência --- uma permanência histórica; "a presença, mais do que se pensa, severa" do Comendador alenta-nos, revigora-nos, puxa e impulsiona as gerações para o bem, para as realizações efetivas e concretas.

MONTENEGRO deixou, por fim, o ambiente virgiliano de ~~de~~

Nova Louzã e veio viver entre nós, na cidade. Havia e ainda há, no ambiente oxigenado e puro da fazenda, "casas mansas que agonizam sem rancor", ^{galy-ada} ~~quais~~ salas de jantar, pomares cheios de pássaros e perfumes, "paz redonda de cozinhas", "quintais de sombra doce com frutas do mesmo teor". O nosso herói trouxe para o seu elegante "chalet" da cidade o ar de sua casa senhorial na fazenda, o "riso franco das varandas".

"Uma casa não é nunca
só para ser contemplada;
melhor: somente por dentro
é possível contemplá-la.

Seduz pelo que é dentro
.....
pelo que dentro fizeram
com seus vazios, com o nada
.....

pelos espaços de dentro:
seus recintos, suas áreas,
organizando-se dentro
em corredores e salas,

os quais sugerindo ao homem
estâncias aconchegadas,
paredes bem revestidas
ou recessos bons de covas,

Exercem sobre esse homem
.....
a vontade de corré-la
por dentro, de visitá-la."

(João Cabral de Melo Neto)

O homem não é só um "bicho lógico"; é, também, um bicho sentimental. O nosso Comendador não vivia apenas emaranhado na ilusão de sonhos e interesses meramente humanos e terrestres. Entre os interesses ideais que cultivava estava o da amizade; sua casa, seu moderno e esguio "chalet" estava aberto, permanentemente franqueado aos amigos, aos admiradores, aos escolhidos de seu coração.

O COMENDADOR MONTENEGRO era um homem moralmente de plácida elegância. Muitos --- quantos? --- sentia-se supremamente venturosos por segui-lo, por acompanhá-lo nas idéias, nos sentimentos, e até nos menores gestos e atitudes; imitavam-no no estilo, no jeito...

Vivia entre nós, em nossa cidade --- escolhera o nosso amado Pinhal como sua morada definitiva --- como um varão exemplar, um varão modelar, do tipo daqueles que Plutarco estuda em suas Vidas Paralelas. Não era, portanto, um ancião fossilizado, duplamente posto fora do mundo: no corpo e na alma. "Pára, em muitos anciãos, o ar de abandono de meia-noite ou pleno-sono; é um deixar-se imovelmente próprio da planta e do demente" (palavras de João Cabral de Melo Neto, aplicadas em vestir outro assunto).

Tem-se asseverado que viver, propriamente falando, só na mocidade; depois desta, só existe a duração. Até aos 40 anos vivemos de juro; depois dessa idade-limite, passamos a gastar o capital.

Léon Denis, escritor francês notável pelos seus sublimes ensinamentos espiritualistas, ^{adverte-nos} ~~xxxix~~ sobre o que nos acontece no crepúsculo, no melancólico declínio de nossa existência. Assim escreve ele, focalizando ^{os} ~~xxxix~~ aspectos da velhice pobre e abandonada, da velhice gelada, antítese perfeita da juventude em fogo:

"À medida que avançamos na vida, as alegrias diminuem e as dores aumentam; o corpo e o fardó da vida tornam-se mais pesados. Quase sempre a existência começa na felicidade e finda na tristeza. O declínio traz, para a maior parte dos homens, o período moroso da velhice com suas lassidões, enfermidades e abandonos.

As luzes apagam-se; as simpatias e as consolações retiram-se; os sonhos e as esperanças desvanecem-se; abrem-se, cada vez mais numerosas, as covas em roda de nós. É então que vêm as longas horas de imobilidade, inação, sofrimento; obrigam-nos a refletir, a passar muitas vezes em revista os atos e as lembranças de nossa vida. É uma prova necessária para que a alma, antes de deixar seu invólucro, adquira a madureza, o critério e a clarividência das coisas que serão o remate de sua carreira terrestre. Por isso, quando amaldiçoamos as horas aparentemente estéreis e desoladas da velhice enferma, solitária, desconhecemos um dos maiores benefícios que a Natureza nos proporciona; esquecemos que a velhice dolorosa é o cadinho onde se completam as purificações.

"Nesse momento da existência, os raios e as forças que, durante os anos da juventude e da virilidade, dispersávamos para todos os lados em nossa atividade e exuberância, concentram-se, convergem para as profundezas do ser, ativando a consciência e proporcionando ao homem mais sabedoria e juízo. Pouco a pouco vai-se fazendo a harmonia entre os nossos pensamentos e as radiações externas; a melodia íntima afina com a melodia divina.

"Há, então, na velhice resignada, mais grandeza e mais serena beleza que no brilho da mocidade e no vigor da idade madura. Sob a ação do tempo, o que há de profundo, de imutável em nós, desprende-se e a fronte dos velhos aureola-se de claridades do Além."

Prova o velho, com sua vida aceita com calma e resignação, o que disse o Apóstolo Paulo aos filósofos atenienses: "Nós somos de estirpe divina." E Tertuliano, no segundo século de nossa Era, também salientou: "Toda alma humana é crística por sua própria natureza." Anima naturaliter christiana.

O COMENDADOR MONETENGRO foi um velho que povoou de 

alegrias a insipidez do mundo real. Nunca deixou de fazer o bem; foi, efetivamente, sem a menor sombra de dúvida, um grande benfeitor da coletividade. Observe-se aqui, de passagem, que praticar o bem não é coisa comum, corriqueira; "a vida da maior parte dos homens está, sem dúvida, muito afastado do bem."

Em realidade, são muito poucos os que procuram as inefáveis alegrias do bem. Gozar o instante, eis o que se chama viver! Disse Kierkegaard: "destruímos nossa existência numa insana caçada ao instante." Para gozar esse precário e fugitivo instante não vacilamos em destruir o próximo --- e até mesmo o próprio instante.

O que procura a maioria é o arrebatamento selgavem do prazer relativista, é o gozo da carne carnal. Considera-se bem infeliz aquele que "atira-se e torna a se atirar de cabeça baixa na existência, sem nunca conseguir captar o instante."

A maior parte da humanidade é ímpia e egoísta. Em cada um de nós é sempre possível descobrir-se uma nova fealdade. "Ninguém tomba tão baixo --- escreveu Kierkegaard --- que não possa recair ainda mais baixo."

Além de moralmente feio, o homem é doente, disse ~~Nietzsche~~ Nietzsche, o "filósofo do martelo": O homem é doente, ou, mais precisamente, "o homem é o animal mais doente, mais incerto, mais mudável, mais inconsciente; é o animal doente por excelência."

Todavia, mesmo feio e doente, o homem é necessário, sempre necessário. Ninguém é inútil, pois pode ser o almoço do mau!

TODOS OS CANALHAS TÊM A SUA PARTE NO BANQUETE DA VIDA!

Releva ponderar, também, nesta linha de pensamento, que a religião está aí para redimir o homem. A religião salva, a religião liberta --- a religião dá o significado à humana existência. Enunciou Kierkegaard uma grande verdade quando assegurou que "a existência do homem sempre tem uma disposição religiosa." Quer dizer, "a vida religiosa de cada pessoa está relacionada com suas projeções exteriores, aparece em todos os seus atos." Esta é, sem dúvida, uma questão séria, que merece meditada.

O sentimento religioso pode valorizar o homem, ~~realizar~~

59
~~60~~ -

reerguê-lo, aproximá-lo de Deus --- torná-lo limpo aos olhos de todos, fazer dele um ser digno de admiração e apreço. Diante da límpida imagem do homem redimido já não diria o velho ^{é amargo} ~~xxxxxxxx~~ Schopenhauer: "Não há uma só pessoa que seja verdadeiramente digna de inveja; e quantas são dignas de compaixão!"

Segundo a percepção ou análise do filósofo de Frankfurt, o homem é um poço de miséria e dor. Homo, repletus miserii. A culpa do mundo é imensa; por isso imenso é também o seu sofrimento. Este mundo é uma "colônia penal", uma vasta penitenciária, onde todos nós cumprimos pena...

XI

O Comendador JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTENEGRO era a personificação do homem de bem e podia ser tomado como o símbolo do trabalho, como o modelo da atividade honesta, fecunda e construtiva. Ele trabalhou a vida inteira, a bem dizer com afincado e sem descanso. Por nós, pinhalenses, pelo progresso de nossa cidade e de nosso povo, trabalhou como uma máquina --- uma máquina paciente e útil.

Nobres intenções valorizavam "os trabalhos e os dias" de sua existência necessária e benfeitora. Belos planos de ação e ambiciosos projetos sempre animaram sua benemérita existência de filantropo. Dia por dia, minuto a minuto "combatia o bom combate", segundo a expressa recomendação do Apóstolo.

Seu caráter tinha "a incorrupção da reta". Era um nobilíssimo homem de mãos frutíferas --- de mãos afeitas à luta. Mãos de lutador, de pelejador, de homem que não foge à luta, de bravo que sabe que "viver é lutar". Exatamente como Job, sabia que "é uma luta a vida do homem sobre a terra": vivere militari est. "Uma luta que só aos fracos abate", como disse Gonçalves Dias.

"... é mais espessa
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire
cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo)."

(João Cabral de Melo Neto)

E por que lutava, o nosso bom Comendador deveria sofrer.
Viver é também sofrer. Viver é abalroar, é chocar-se com os ou-
tros, é ferir, magoar...

"O que vive fere.
O homem,
porque vive,
choca com o que vive.
Viver
é ir entre o que vive.

O que vive
incomoda de vida
o silêncio, o som, o corpo
que sonhou cortar-se
roupas de nuvens.
O que vive choca,
tem dentes, arestas, é espesso.
O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.

(João Cabral de Melo Neto)

"É mais espesso um homem do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso o sangue de um homem do que o sonho de
um homem." (idem).

O sofrimento. "O sofrimento é à sorte inerente a todo ser humano." Qual será, entretanto, a finalidade da dor? Para que serve a dor?

Escreveu Léon Denis, sucessor de Allan Kardec na difusão da doutrina espírita:

"A todos aqueles que perguntam: Para que serve a dor? respondo: Para polir a pedra, esculpir o mármore, fundir o vidro, martelar o ferro. Serve para edificar e ornar o templo magnífico, cheio de raios, de vibrações, de hinos, de perfumes, onde se combinam todas as artes para exprimirem o divino, prepararem a apoteose do pensamento consciente, celebrarem a libertação do Espírito!

"E vede qual o resultado obtido! Com o que eram em nós elementos esparsos, materiais informes e, às vezes até, no vicioso e decaído, ruínas e destroços, a dor levantou, construiu no coração do homem um altar esplêndido à Beleza Moral, à Verdade Eterna!

"A estátua, nas suas formas ideais e perfeitas, está escondida no bloco grosseiro. Quando o homem não tem a energia, o saber e a vontade de continuar a obra, então, dissemos, vem a dor. Ela pega no martelo, no cinzel e, pouco a pouco, a golpes violentos, ou, então, sob vagaroso e persistente trabalho do buril, a estátua viva desenha-se em seus contornos flexíveis e maravilhosos. Sob o quartzo despedaçado, cintila a esmeralda!

"Sim, para que a forma se desenvolva em suas linhas puras e delicadas, para que o espírito triunfe da substância, para que o pensamento rebente em impetus sublimes e o poeta ache os acentos imortais, o músico os suaves acordes, precisam nossos corações do agulhão do destino, do luto e das lágrimas, da ingratidão, das traições da amizade e do amor, das angústias e das dilacerações; são precisos os esquifes adorados que descem à terra, a juventude que foge, a gelada velhice que sobe, as decepções, as tristezas amargas que se agitam
~~foram~~

sucedem. O homem precisa do sofrimento como o fruto da vide precisa do lagar para se lhe extrair o licor precioso!"

"O sofrimento --- diz ainda Léon Denis --- é o instrumento por excelência da educação e do progresso, um estimulante para o ser, que, sem ele, ficaria retardado nas vias da sensualidade. A dor, física e moral, forma a nossa experiência. A sabedoria é o prêmio."

"É da dor que nasce a sensibilidade."

"Sob o açoite das provas, o agulhão da dor, sobem todos, todos se elevam."

A vida é bela e desejável, apesar de suas dores, de seus males.

Não se pode negar a necessidade das provações e da dor. "Cumpre que haja o sofrimento físico e a angústia moral para que o espírito seja depurado, limpe-se das partículas grosseiras, para que a débil centelha, que se está elaborando nas profundezas da inconsciência, se converta em chama pura e ardente, em consciência radiosa, centro de vontade, energia e virtude."

A dor fere culpados e inocentes. "A dor não fere somente os culpados. Em nosso mundo, o homem honrado sofre tanto como o mau, o que é explicável. Em primeiro lugar, a alma virtuosa é mais sensível por ser mais adiantado o seu grau de evolução; depois, estima muitas vezes e procura a dor, por lhe conhecer todo o valor.

"Há dessas almas que só ~~vêm~~ ^{vêm} a este mundo para dar o exemplo da grandeza no sofrimento."

"A dor é como uma asa dada à alma escravizada pela carne para ajudá-la a desprender-se e a elevar-se mais alto."

"Quanto mais a alma sobe, cresce, se faz bela, tanto mais a dor ^{se} espiritualiza. Quanto mais o ser humano se aperfeiçoa, tanto mais admiráveis se tornam nele os frutos da dor."

Todos sofrem, ninguém escapa ao agulhão do sofrimento.

"As almas gastas, mal desbastadas, tocam os sofrimentos físicos, as dores violentas; às egoístas, às avarentas não de caber as perdas de fortuna, as negras inquietações, os tormentos do ~~corpo~~ ^{espírito}."

espírito. Depois, aos seres delicados, às mães, às filhas, às esposas, as torturas ocultas, as feridas do coração. Aos nobres pensadores, aos inspiradores, a dor sutil e profunda que faz brotar o grito sublime, o relâmpago do gênio!"

"Por trás da dor, há alguém invisível que lhe dirige a ação e a regula segundo as necessidades de cada um, com uma arte, uma sabedoria infinitas, trabalhando por aumentar nossa beleza interior nunca acabada, sempre continuada, de luz em luz, de virtude em virtude, até que nos tenhamos convertido em Espíritos celestes."

"A dor é apenas um meio de que usa o Poder Infinito para nos chamar a si. É pelo amor que nos tem, que Deus envia o sofrimento. Fere-nos, corrige-nos como a mãe corrige o filho para educá-lo e melhorá-lo; trabalha incessantemente para tornar dóceis, para purificar e embelezar nossas almas, porque elas não podem ser verdadeiras, completamente felizes, senão na medida correspondente às suas perfeições."

Os sofrimentos são os cachorros que Deus ~~xxx~~ atiga, ou agula contra nós, para nos pôr no bom caminho.

"Pôs Deus, nesta terra de aprendizagem, ao lado das alegrias raras e fugitivas, dores frequentes e prolongadas, para nos fazer sentir que o nosso mundo é um lugar de passagem e não o ponto de chegada. Gozos e sofrimentos, prazeres e dores, tudo isto Deus distribuiu na existência como um grande artista que, na tela, combina a sombra e a luz para produzir uma obra-prima."

Pagamos em dor o mal que tenhamos praticado, nesta ou em existências passadas. "Não é por vingança que a Lei nos pune, mas porque é bom e proveitoso sofrer, pois que o sofrimento nos liberta, dando satisfação à consciência, cujo veredicto ela executa."

"Tudo se resgata e repara pela dor. Há uma arte profunda nos processos que ela emprega para modelar a alma humana, quando esta se transvia, reconduzi-la à ordem sublime das coisas."

"A dor será necessária enquanto o homem não tiver posto o seu pensamento e os seus atos de acordo com as leis eternas; deixará de se fazer sentir logo que se fizer a harmonia. Todos os

nossos males provêm de agirmos num sentido oposto à corrente divina; se tornarmos a entrar nessa corrente, a dor desaparece com as causas que a fizeram nascer."

"Os sofrimentos poderão variar, deslocar-se, mudar de aspecto; a dor persistirá, enquanto o egoísmo e o interesse regerem as sociedades terrestres, enquanto o pensamento se desviar das coisas profundas, enquanto a flor da alma não tiver desabrochado."

"Todas as doutrinas econômicas e sociais serão impotentes para reformar o mundo, para aliviar os males da Humanidade, porque assentam em base muito acanhada e porque põem só na vida presente a razão de ser, o fim da existência e de todos os esforços. Para acabar com o mal social é necessário elevar a alma humana à consciência do seu papel, fazer-lhe compreender que sua sorte somente dele depende e que sua felicidade será sempre proporcional à extensão de seus triunfos sobre si mesma e de sua dedicação às outras. Então a questão social será resolvida por meio da substituição do personalismo exclusivo e apertado, pelo altruísmo."

"O mal moral existe na alma somente em suas dissonâncias com a harmonia divina." Será feliz somente a alma que se libertar de ambições vãs, de desejos materiais. Devem os homens sentir-se irmãos, irmãos e iguais perante a Lei Divina, "que distribui a cada um os bens e os males necessários à sua evolução, bem como os meios de vencer-se e acelerar sua ascensão."

Bom método de regeneração moral e espiritual: comparar nossa dor com a dos outros.

Devemos lançar um olhar atento em roda de nós, antes de nos "queixarmos amargamente das decepções, das pequenas vilanias do quotidiano, das pequeninas misérias, das tribulações de que está semeada toda a existência." Esse olhar em torno de nós basta para debelar o cansaço e o desânimo, dá-nos ^aresolução e ^acoragem perdidas, faz-nos aptos a ^{afrontar} ~~enfrentar~~ alegremente a adversidade, a suportar resignados a sorte que nos toca.

"Considerai as dores tantas vezes ignoradas dos pequenos, dos deserdados, os sofrimentos de milhares de seres que são

homens como vós; considerai estas aflições sem conta; cegos privados do raio que guia e conforta, paráliticos impotentes, corpos que a existência torceu, anciloscou, quebrou, que padecem de males hereditários! E os que carecem do necessário, sobre quem sopra, glacial, o inverno! Pensai em todas essas vidas tristes, obscuras, miseráveis; comparai vossos males muitas vezes imaginários com as torturas de vossos irmãos de dor, e humilgar-vos-eis menos infelizes, ganhareis paciência e coragem e de vosso coração descerá sobre todos os peregrinos da vida, que se arrastam acabrunhados no caminho árido, o sentimento de uma piedade sem limites e de um amor imenso!"

São Paulo, 30 de janeiro de 1978.

Prezadíssimo Vicente Miguel
Jardim Nova Pinhal
Espírito Santo do Pinhal - SP

Abraços Cordiais

Com esta faço-lhe a remessa de um ensaio meu, referente à personalidade multifacetada do COMENDADOR MONTENEGRO, O HOMEM, que pertence ao que Você, em cintilante crônica, denominou de A HERANÇA.

Trata-se portanto, é bem de ver, de mais um presente meu, uma dádiva que a título gracioso lhe faço. Qual o motivo? O motivo já anteriormente explicado por mim: um modo que encontro de premiar a amizade que nos une, e também um reconhecimento pelo seu iniludível ou inegável talento. Porque, com efeito, meu caríssimo Vicente Miguel, é Você um dos espíritos mais adiantados, uma das inteligências mais evoluídas da atual geração de intelectuais pinhalenses.

Sempre falava o Dr. Abelardinho no que ele chamava de "humanismo cultural de Pinhal". E se alongava citando nomes, nomes e nomes Entre tais nomes, brilhando intensamente no catálogo, encontra-se, iniludivelmente, o seu, meu caro Vicente Miguel. Sem favor algum.

Agradeço-lhe, de coração, todas as belas demonstrações de amizade que Você, em primorosas crônicas e escritos de fino labor, tem dado a público a meu respeito. Mostro-me bastante sensível a essas delicadas provas de estima.

Agora, uma nota objetiva, de negócios: LAERCIO CASALECHI (Rua Floriano Peixoto, 328, - fone 20-25) aí em Pinhal, foi incumbido por mim de vender o livro do Cardeal --- 500 volumes --- que estavam em poder do Chico Costa. Este antes os entregara à Dona Meyre Costa Valente Passarelli (Rua Marquês do Herval, 82, fone 20-64).

A referida incumbência foi feita por telefonema daqui, tendo eu sido atendido por Dona NAZARÉ, esposa de LAÉRCIO.

Gostaria que Você me informasse algo a respeito da venda do livro. Está realmente sendo feita? Com quem no momento estão os livros?

Espero receber aqui 50 (cinquenta) volumes do livro. Há empresas de transporte de cargas por ai, o Rodrigues e outras, não é mesmo?

Finalizando, queira receber, meu caro Vicente Miguel, o testemunho de minha sincera amizade.

Sis felix.

Luiz Felipe de Oliveira

Luiz Felipe de Oliveira